



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

RODRIGO CAVALCANTE ANJOS

LACHMANN E A TEORIA DO PROCESSO DE MERCADO:

entre o pensamento austríaco e o pós-keynesiano



Araraquara – SP

2015

RODRIGO CAVALCANTE ANJOS

LACHMANN E A TEORIA DO PROCESSO DE MERCADO:

entre o pensamento austríaco e o pós-keynesiano

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Economia.

Linha de Pesquisa: Teoria Econômica

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Strachman

Coorientador: Prof. Dr. Fabio Barbieri

ARARAQUARA – SP

2015

Anjos, Rodrigo

LACHMANN E A TEORIA DO PROCESSO DE MERCADO: entre
o pensamento austríaco e o pós-keynesiano / Rodrigo
Anjos – 2015

96 f.

Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Eduardo Strachman

Coorientador: Fabio Barbieri

1. Lachmann. 2. Subjetivismo. 3. Processo de
Mercado. 4. Economia Austríaca. 5. Empreendedor. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RODRIGO CAVALCANTE ANJOS

LACHMANN E A TEORIA DO PROCESSO DE MERCADO:
entre o pensamento austríaco e o pós-keynesiano

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Economia.

Linha de pesquisa: Teoria Econômica

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Strachman

Coorientador: Prof. Dr. Fabio Barbieri

Data da defesa: 26/11/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Coorientador: Prof. Dr. Fabio Barbieri
Universidade de São Paulo – USP-RP.

Membro Titular: Prof. Dr. José Ricardo Fucidji
Universidade Estadual Paulista – UNESP.

Membro Titular: Prof. Dr. Eduardo Angeli
Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP - Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

À minha família, e em especial aos meus pais, pelo incentivo e apoio incondicional.

Aos colegas do mestrado que me acompanharam nessa jornada e, em especial aos amigos Lucas, Renata e Tatiana, que tornaram a estadia em Araraquara bem mais agradável.

À professora Luciana Togeiro, por acreditar neste trabalho, após as reuniões com ela, eu sempre saía um pouco mais confiante.

Ao professor Eduardo Strachman, pelo o apoio e compreensão, sem os quais o desenvolvimento deste trabalho seria inviável.

Ao professor Fabio Barbieri, pela disponibilidade e direcionamentos, os quais me permitiram seguir “pontos de orientação” confiáveis no empreendimento desta dissertação.

A todos vocês, que de forma direta ou indireta, contribuíram para este trabalho, muito obrigado!

We live in a world full of contradiction and paradox, a fact of which perhaps the most fundamental illustration is this: that the existence of a problem of knowledge depends on the future being different from the past, while the possibility of the solution of the problem depends on the future being like the past.

Frank Knight

Toda solução dada a um problema levanta novos problemas; principalmente quando o problema original é profundo e a solução apresentada é corajosa. Quanto mais aprendemos sobre o mundo, quanto mais profundo nosso conhecimento, mais específico, consciente e articulado será nosso conhecimento do que ignoramos – o conhecimento da nossa ignorância. Essa, de fato, é a principal fonte da nossa ignorância: o fato de que nosso conhecimento só pode ser finito, mas nossa ignorância deve ser necessariamente infinita.

Karl Popper

The human mind in its search for knowledge resorts to philosophy or theology precisely because it aims at an explanation of problems that the natural sciences cannot answer.

Ludwig von Mises

Imagination is what we substitute for knowledge in that limitless area we are eternally denied it: 'tomorrow'.

George Shackle

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar a obra do economista Ludwig Lachmann e suas contribuições para a teoria austríaca do processo de mercado. Primeiramente é apresentado o desenvolvimento dessa teoria, que traz uma alternativa para a teoria do equilíbrio geral, e a importância do subjetivismo na análise econômica. Na teoria do processo de mercado buscam-se explicações genético-causais para compreender: (i) como o agente adquire, e transmite conhecimento; (ii) como se dá a coordenação de planos dos agentes, e qual é o papel do sistema de preços e das expectativas nesse processo; (iii) como utilizar o conhecimento que os agentes possuem de forma dispersa e, por vezes, contraditórios para instituir, como indaga Hayek, uma ordem econômica racional? A abordagem de Lachmann nos oferece um ferramental analítico para compreender de forma integrada o processo de mercado em todas as suas esferas: do capital, do empreendedor e das instituições.

Palavras – chave: Ludwig Lachmann. Subjetivismo. Processo de Mercado. Economia Austríaca. Economia Pós-Keynesiana. Empreendedor.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to investigate the work of the economist Ludwig Lachmann and his contributions to the Austrian theory of the market process. First we present the development of this theory, which brings an alternative to general equilibrium theory, and the importance of subjectivism in economic analysis. The theory of the market process are sought genetic-causal explanations to understand: (i) how agent acquire and transmit knowledge; (ii) how is the coordinating officer of the plans, and what is the role of the price system and expectations in this process; (iii) using the knowledge that agents have different sequences and sometimes contradictory to institute as asks Hayek, a rational economic order? Lachmann's approach provides the analytical tools to understand in an integrated way the market process in all its spheres: the capital, the entrepreneur and institutions.

Keywords: Ludwig Lachmann. Subjectivism. Market process. Austrian Economics. Post Keynesian Economics. Entrepreneur.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
1. Apresentação.....	10
2. A Teoria Austríaca do Processo de Mercado.....	15
3. O Pensamento de Ludwig Lachmann: entre Hayek e Shackle	37
4. Mercado como um Processo: o empreendedor lachmaniano em um mundo de mudanças inesperadas	58
CONCLUSÃO.....	86
REFERÊNCIAS	88

1. Apresentação

Esta dissertação é resultado de alguns planos frustrados e da recombinação de partes desses planos. No primeiro esboço, a intenção era seguir uma investigação sobre a relação entre a economia e a hermenêutica, na linha do que foi apresentado no livro *Economics and Hermeneutics* (LAVOIE, 1991a), ainda sem saber muito bem onde chegaríamos. Paralelamente, tinha comprado o livro *Semántica Económica*, de Fritz Machlup (1974), que descobri através das minhas pesquisas iniciais em “hermenêutica econômica”, achei que pudesse ter alguma ligação com o anterior. E pesquisando sobre Machlup cheguei ao seu livro *Methodology of Economics and Other Social Sciences* (1978). Esses dois livros acabaram não contribuindo diretamente para esta dissertação, e em alguma medida o primeiro até me levou para um caminho que depois se mostrou não muito promissor. Pois ao ler este trecho:

Cuando una palabra tiene varios significados, tan numerosos y diferentes que nadie sabe realmente de qué habla la persona que la usa, esta palabra debería suprimirse de la terminología científica o “depurarse” para eliminar aquellas de sus acepciones que pueden llevar a una confusión (MACHLUP, 1974, p. 49).

Recordei-me de um outro texto, que já havia me alertado sobre essa questão de como a comunicação humana é problemática (FONSECA, 1994, p. 1):

A entropia da informação afeta toda a comunicação humana. Qualquer mensagem, por mais trivial que seja, sofre um processo de perda e dissipação – daí o termo entropia – ao ser transmitida de A (emissor) para B (receptor).

O mundo gira somente através dos mal-entendidos. É pela universalidade dos mal-entendidos que todos concordam. Pois se, por má sorte, as pessoas se entendessem uma às outras, elas jamais concordariam (BAUDELAIRE *apud* FONSECA, 1994, p. 1).

E tendo em mente as várias disputas teóricas, em economia, com destaque aquelas em que os austríacos se envolveram, sempre que se revisita esses debates encontramos alegações, das partes envolvidas, de que foram mal interpretados. Então, pensei em fazer essa tarefa de depurar alguns termos, como equilíbrio/desequilíbrio e estático/dinâmico, que têm muita importância para a Escola Austríaca Moderna, e de forma geral apresenta vários significados¹, em economia. Mas ao longo do processo fui percebendo que esse era um trabalho meio inócuo, Baudelaire tinha razão! o progresso na ciência econômica também se dá por meio de mal-entendidos, portanto, faz-se necessário alguma flexibilidade interpretativa. Uma forma de atenuar essas contingências seria uma aplicação consistente da “Lei de Lachmann”, que é como Lavoie (1994, p. 15) se refere ao princípio de “*charity in interpretation*”, que seria uma espécie de boa vontade interpretativa, ou seja, dentro das possíveis interpretações de um texto ou proposição, sempre descartar aquelas que parecem mais absurdas. Um exemplo da aplicação desse princípio pode ser visto no artigo *John Maynard Keynes: a view from an austrian window*, onde Lachmann (1994[1983]) faz um balanço das controvérsias entre Keynes e os austríacos, encontrando mais concordâncias que discordâncias.

Já a leitura de um segundo livro de Machlup, sobre metodologia, se mostrou bem proveitosa. O capítulo 1, *What is meant by methodology: a selective survey of the literature*, foi o texto mais esclarecedor que já li sobre metodologia. Ele faz um apanhado de como o termo “metodologia” é usado, recorrentemente, de forma incorreta, e sua revisão de literatura é bem rigorosa e completa.

In any living language, new words are coined and old words acquire new meanings. Words coined for scientific usage may be given new technical meanings; eventually they may enter common language with meanings drastically changed. This process sometimes deprives prior users of a term with definite intension. In some instances, the debasing of the coinage is result of malapropism (MACHLUP, 1978, p. 6).

Mas os planos iniciais tiveram que ser revisados. Por recomendação do professor Barbieri, o foco passou a ser analisar o pensamento de Lachmann, suas

¹ Ver Machlup (1974, p. 13-45).

contribuições para a teoria do processo de mercado e sua relação com o economista George Shackle, pela perspectiva da epistemologia evolucionária. O que facilitaria meu trabalho em dois aspectos: teria como “ponto de orientação” a sua dissertação de 2001, que de modo geral seguiu esse roteiro, mas com foco em Lachmann e Kirzner. E, em segundo lugar, em uma questão institucional, já que Lachmann é o mais pós-keynesiano dos austríacos, e Shackle é o mais austríaco dos pós-keynesianos, o projeto estaria mais de acordo com as linhas de pesquisa do programa de pós-graduação da Unesp. Apesar de que em nenhum momento tenha sido colocada alguma restrição, o professor Strachman me deu plena liberdade acadêmica, era mais uma preocupação minha.

A última revisão de planos foi feita após o contato com uma literatura recente, como Endres e Harper (2013); Chiles, Bluedorn, e Gupta (2007); Chiles et al. (2010a); Chiles et al. (2010b), que defende que Lachmann apresentou uma teoria distinta e estruturada do comportamento do empreendedor (e do empreendedorismo), em relação às abordagens de Schumpeter e Kirzner.

Lachmann's entrepreneurs are creatively constructive change-agents who discover, exploit and create gaps in capital structures. Entrepreneurs select and interpret specific market and institutional phenomena using pre-existent rules and mental 'instruments', extract meaning about capital-forming opportunities, and generate all subsequent capital combinations. Lachmannian entrepreneurs are problem-solvers and communicate problem 'solutions' by dissolving and reforming capital combinations... [he] emphasizes the institutional and material embeddedness of entrepreneurial behaviour and that appreciates the capacity of Lachmann's approach to explain entrepreneurial success, imitation and failure in a dynamic endogenous process (ENDRES e HARPER, 2013, p. 303).

Portanto, direcionei a parte final do trabalho para uma análise das características do empreendedor lachmaniano dentro da sua concepção de processo de mercado e da sua teoria do capital.

Como defende Lachmann (1971, p. ix), cada ideia que contribuiu no passado, e foi incorporada ao *corpus* da ciência econômica, precisa ser reexaminada e reinterpretada de tempos em tempos. Essa postura vai contra a visão de superação positiva na ciência econômica, e está de acordo ao espírito de Boulding (1971), Blaug

(2001) e Fonseca (1996) sobre a relação que deve prevalecer entre a teoria e a história das ideias econômicas.

A HPE é este laboratório. Uma arena onde encontramos não o método de pesquisa e persuasão estritamente racionais – a ciência como ela deveria ser dos metodólogos e filósofos da ciência –, mas os métodos efetivamente praticados pelos economistas ao tentarem entender o mundo como ele é e movê-lo na direção almejada. Este exercício da imaginação histórica tem uma função importante. Ele nos ajuda a entender melhor e a aperfeiçoar as nossas próprias estratégias de conhecimento, reflexão moral e persuasão. A economia, como a arte e a filosofia, não destrói o seu passado (FONSECA, 1996, p. 256).

E é isso que faz Lachmann, ao tentar entender e encontrar uma solução para os descaminhos em que a teoria econômica rumou no pós II Guerra Mundial, ao que McCloskey (2010-11, p. 46) chama de “*Samuelsonian economics*”, e classifica como uma visão “totalmente mecânica e materialista da economia” (p. 47). Para McCloskey, os austríacos possuem as ferramentas que “*can save economics from itself*” (p. 45).

Quais são essas ferramentas que os austríacos oferecem para combater essa visão “mecânica e materialista da economia”? Basicamente, a análise de processo e o subjetivismo, que são os focos centrais deste trabalho. Com o subjetivismo, Lachmann combate o que ele considera o principal culpado pelos descaminhos na economia: o formalismo, que dissemina o “vício ricardiano”, e faz com que o economista perca de vista a complexidade dos fenômenos econômicos, ou para usar uma analogia feita por Lachmann, a realidade é forçada a deitar no “leito de Procusto” dos modelos formais.

A dissertação está estruturada da forma que se segue: no próximo capítulo, iremos abordar a teoria austríaca do processo de mercado; o desenvolvimento dessa teoria em meio ao debate do cálculo econômico no socialismo, onde é discutido a função do mercado e da concorrência; as características gerais da escola austríaca e como ela pode ser interpretada atualmente; o problema de coordenação, ou “problema de Hayek”, que trata sobre como o conhecimento é adquirido e transmitido no mercado; e o debate entre Kirzner e Lachmann sobre a tendência das forças de mercado. No terceiro capítulo, serão apresentados os fundamentos do pensamento de Lachmann. Trataremos sobre questões metodológicas e sobre sua teoria das

instituições, fazendo comparações pontuais entre ele e Hayek. E, por último, será apresentada a teoria da decisão de Shackle, que influenciou bastante Lachmann, e que nos auxiliará no entendimento do significado de escolha para ele. No quarto e último capítulo, discutiremos a forma plural com que Lachmann aborda o processo de mercado, os tipos de empreendedores e funções empresariais, sempre relacionando esses processos à sua teoria do capital e a sua concepção de expectativas divergentes. Por fim, faremos alguns apontamentos sobre a visão de Lachmann sobre a hermenêutica, e como ela pode auxiliar e melhorar a teoria econômica no entendimento dos fenômenos econômicos e sociais.

2. A Teoria Austríaca do Processo de Mercado

...Smith's view of competition was quite robust. He thought of competition... as rivalry, as a process, rather than as a condition defined by a high elasticity of demand, as would be true for most modern economists. I need not conceal from you my belief that ultimately the Smithian view of competition will prevail (COASE, 1994[1977], p. 86).

2.1. Introdução

Desde o início da economia como ciência, economistas têm sido confrontados com a pergunta de como conceber os mercados. E na incumbência de compreender a realidade e torná-la inteligível, partindo da definição de um problema central, o economista cria um conjunto de pressupostos que irão compor o seu método de análise. Este capítulo irá tratar da concepção austríaca do mercado, apresentar, em linhas gerais, o desenvolvimento e a consolidação do programa de pesquisa da Escola Austríaca Moderna² (EA). Partindo do Debate do Cálculo Econômico no Socialismo, iremos delinear as bases que propiciaram o que ficou conhecido como o Ressurgimento da Escola Austríaca, na década de 70, elencando suas características gerais, o problema de coordenação (Problema do Conhecimento) e a visão austríaca sobre as tendências das forças de mercado, em especial a visão de Kirzner (equilibrante) e de Lachmann (desequilibrante).

2.2. O Debate do Cálculo Econômico do Socialismo: o papel do mercado

O debate do cálculo econômico no socialismo foi uma das controvérsias mais significativas na economia moderna, como observa Blaug (1997a, p. 78); foi esse debate o responsável por popularizar a teoria do equilíbrio geral, que tinha sido

² Após um período de quase esquecimento, desde a revolução keynesiana passando pela dispersão dos principais economistas da escola, por ocasião da II Guerra Mundial, em 1974 um evento na cidade americana de South Royalton marcou o "ressurgimento" da Escola, sendo os principais representantes: Lachmann, Kirzner e Rothbard, ver Dolan (1976). O evento resultou na abertura de cursos de EA nas universidades de Nova York, George Mason e Auburn. Naquele ano, Hayek ganharia o Nobel de Economia.

recebida “com hostilidade implacável” (BLAUG, 1997a, p. 77) pelos economistas, no período que antecedeu a I Guerra Mundial, por ser muito matematizada, muito abstrata e pouco prática.

A origem do debate foi a publicação do artigo do economista austríaco Ludwig von Mises, *Economic Calculation in the Socialist Commonwealth*³, em 1920, seguida de uma análise mais detalhada, dois anos depois, com o livro *Socialism: An Economic and Sociological Analysis*⁴, onde Mises defendia a controversa tese da impossibilidade de se realizar o cálculo econômico no socialismo, pois:

Sem propriedade privada não existiriam mercados, necessários para a formação de um sistema de preços. Sem estes preços para guiar as decisões, por sua vez, não seria possível alocar recursos escassos levando em conta seus usos alternativos em uma economia complexa, a menos que tais decisões fossem feitas por agentes oniscientes. Portanto, o socialismo, ao requerer a abolição da propriedade privada, não traria progresso, mas drástica redução de produtividade, resultante do abandono da complexa estrutura do capital existente em uma economia de mercado (BARBIERI, p. 89, 2013).

A crítica de Mises era direcionada ao público marxista⁵, principal grupo dentro do movimento socialista, o qual, com o advento da Revolução Russa, gozava de uma crescente influência na academia de Viena.

It is true that most socialists avoided any direct discussion of the workings of proposed socialist institutions, but a very definite idea of their conception of central planning is nonetheless evident from their critique of capitalism (LAVOIE, 1981, p. 45).

Porém, os marxistas rejeitavam a tese da similitude formal⁶, e argumentavam que não seria possível criticar a economia socialista pela lógica das economias de mercado.

³ O artigo foi primeiramente publicado em alemão sob o título “*Die Wirtschaftsrechnung im sozialistischen Gemeinwesen*” no *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, que tinha entre os seus editores o economista e sociólogo Max Weber. Foi traduzido para o inglês em 1935.

⁴ O livro foi publicado primeiramente em alemão sob o título “*Die Gemeinwirtschaft: Untersuchungen über den Sozialismus*”. Traduzido para o inglês em 1936.

⁵ Os austro-marxistas se concentravam na Faculdade dos Trabalhadores (*Arbeiterhochschule*), e protagonizaram um caloroso debate sobre a Teoria do Valor com os austro-marginalistas (corrente dominante na Universidade de Viena), como relata Kauder (1970).

⁶ A tese da similitude formal afirma que qualquer tipo de sociedade se defronta com o problema fundamental da escolha sob escassez, portanto, os conceitos de valor, custo, rendimento, risco, etc. não seriam aplicáveis apenas a economias capitalistas; mesmo em uma sociedade comunista os bens

Então, de forma geral, os marxistas ignoraram a crítica de Mises. E, para sua surpresa, a defesa da possibilidade do cálculo econômico no socialismo veio de economistas neoclássicos, com base na teoria de equilíbrio geral.

Blaug (1997a, p. 78), assim como Lavoie (1981), questiona a interpretação corrente sobre o debate, que de forma geral atribui vitória à Oskar Lange, com uma proposta na qual os gestores seguiriam regras de preços de custo marginal, e o planejador central faria o papel do “leiloeiro walrasiano”.

...[this] is so administratively naive as to be positively laughable. Only those drunk on perfectly competitive end-state equilibrium theory could have swallowed such nonsense, but most economists, certainly then and perhaps even now, were so inebriated (BLAUG, 1997a, p. 78).

Blaug concorda com a interpretação austríaca de que o mau uso do formalismo⁷ é um problema, “*the conflation of logical rigour and practical relevance is the hallmark of formalism*” (1997a, p. 78).

2.2.1. Mercado como processo ou estado final?

A análise de processo de mercado é uma alternativa à análise de equilíbrio geral, na medida em que ambas tratam de problemas diferentes, embora relacionados.

Market process theory focuses on adjustments to changing circumstances. Because it recognizes entrepreneurs as the agents of change and innovation, entrepreneurship and technological discovery move to the forefront of analysis. Likewise, because equilibrium is a state of affairs defined by the absence of change, market process theory in all its varieties limits equilibrium theorizing to a preliminary stage of analysis, at best. Equilibrium is more helpful as a ‘thought experiment’ (*gedankenexperiment* in German), rather than a benchmark or welfare standard, for examining a world without change

teriam um valor, e a escassez relativa desses bens e os problemas de *trade-off* continuariam existindo, a despeito da inexistência de um sistema de preços. Ver Barbieri (2004, p. 45-62).

⁷ O bom uso do formalismo (matemático) foi apontado por Marshall (citado em BOETTKE, 1996, p. 3): “(1) one should use mathematics as a shorthand and not as an engine of inquiry, (2) one should keep to the mathematics until it is done, (3) then translate the mathematics into English, (4) then provide an illustration of the point with an important real world example, (5) then burn the mathematics, and (6) if you cannot succeed at (4) then burn (3)”.

enables us to understand the world of change. (Unfortunately mainstream economists seem all too preoccupied with the former rather than the latter.) Market process theories also tend to emphasize how factors beyond the strictly economic impact upon economic performance, and in doing so focus on incentives, information, institutions and ideology, and the interplay between them (BOETTKE e PRYCHITKO, 1998, p. x).

Toda teoria exige algum grau de abstração, porém, para os austríacos, os defensores da teoria do equilíbrio geral, em meio ao debate do cálculo econômico socialista, foram muito longe, abstraindo as questões mais relevantes para a economia, como a concorrência.

General Equilibrium Theory is an abstract answer to an abstract question: Can a decentralized economy relying only on price signals for market information be orderly? The answer of General Equilibrium Theory is clear and definitive: One can describe such an economy with these properties. But this of course does not mean that any actual economy has been described. An important and interesting theoretical question has been answered and in the first instance that is all that has been done. This is a considerable intellectual achievement, but it is clear that for praxis a great deal more is required (HAHN apud BOETTKE e PRYCHITKO, 1998, p. xi).

A resposta para o problema alocativo, na definição clássica de Lionel Robbins (2012, p. 14): “A Economia é a ciência que estuda o comportamento humano como uma relação entre fins e meios escassos que têm usos alternativos”, levou austríacos e neoclássicos para caminhos diferentes. Os neoclássicos se concentraram na análise das propriedades de equilíbrio de um estado estacionário, supondo processos adaptativos extremamente rápidos que sempre convergem para o equilíbrio. Tais suposições se dão em um conjunto de pressupostos extremamente restritos, como ressalta BOETTKE e PRYCHITKO:

It is a model economy without firms, money or people as we know them: it is without ignorance, uncertainty, interpersonal relationships, or the ability and power to manipulate prices; it is a world without error, surprise or mal-coordination; in short, it is a world completely unlike our own (1998, p. xii).

O modelo apresenta uma solução conceitual para o problema de equilíbrio geral, o que não significa que descreva uma economia de mercado, ele é logicamente

coerente, produz *insights* importantes, porém é bastante limitado em representar a realidade do processo das trocas no mercado.

Do que trata a Teoria Austríaca do Processo de Mercado? Também trata do problema alocativo. Mas, em vez de se concentrar nas propriedades de um estado de equilíbrio, no qual as ações individuais são previamente compatibilizadas, busca explicar a emergência de um padrão de coordenação, a partir da ação anterior à obtenção desse equilíbrio.

...there is never any doubt that competition is an active process, of discovery, of knowledge formation, of 'creative destruction'. I call this 'the Austrian view of competition' because it is most firmly enshrined in the writings of such Austrian economists as Hayek, Schumpeter and, more recently, Kirzner (BLAUG, 1997b, 594).

2.2.2. O Significado da Concorrência

Para Blaug (1997a, p. 66), o conceito de concorrência é o conceito mais antigo da economia. E, de forma geral, a concorrência, ao longo de séculos, sempre significou um processo ativo de disputa. Segundo Machovec (1995), os economistas austríacos foram os responsáveis por recuperar a visão clássica de competição. Para McNulty (1967; 2008), desde que o conceito de concorrência entrou na economia, pelas mãos de Adam Smith e seus predecessores, não havia muita preocupação com definições, mas as abordagens, em geral, entre os economistas clássicos, era de um processo dinâmico, sem a existência de barreiras à entrada, onde “as empresas entravam em mercados rentáveis, e saíam de mercados pouco rentáveis” (MCNULTY, 1967, p. 395). Para ele, a competição, na concepção austríaca, compartilha dessa ideia de um “processo econômico em curso” que os economistas clássicos tinham em mente. Ele ainda observa que a abordagem austríaca centra sua análise no papel desempenhado pelo empreendedor.

The entrepreneur, a neglected figure in classical and neoclassical economics, is the central figure in the Schumpeterian analytical framework. The entrepreneur plays a disequilibrating role in the market process by interrupting the 'circular flow' of economic life, that is, the ongoing production of existing goods and services under existing

technologies and methods of production and organization (MCNULTY, 2008, p. 2).

Para Hayek (1948, p. 92-106), a concorrência perfeita exclui tudo que é descrito pelo verbo “competir” e tudo que é entendido como competição pelo senso comum. A concorrência perfeita é uma contradição em termos, pois, na verdade, ela significa a ausência de atividade competitiva.

A concorrência é, pois, acima de tudo, tal como a experimentação científica, um processo de descoberta. Nenhuma teoria que parta da premissa de que os fatos a descobrir já são conhecidos lhe pode fazer justiça. Não há um conjunto predeterminado de fatos conhecidos ou 'dados' que serão sempre plenamente levados em conta... A questão real é como melhor favorecer a utilização ótima do conhecimento, das habilidades e das oportunidades de adquirir conhecimento, dispersos entre centenas de milhares de pessoas mas não possuídos inteiramente por ninguém. A concorrência deve ser encarada como um processo em que as pessoas adquirem e transmitem conhecimento - tratá-la como se todo esse conhecimento estivesse, desde o início à disposição de qualquer pessoa é transformá-la num contrassenso. E é tão absurdo julgar os resultados concretos da concorrência com base numa ideia preconcebida dos produtos que ela 'deve' gerar quanto o seria julgar os resultados da experimentação científica por sua correspondência com o que era esperado (Hayek, 1985 [1979], p. 72-73).

2.3. A Escola Austríaca de Economia

A origem da escola austríaca de economia é em Viena, no final do século XIX, com os trabalhos desenvolvidos por Carl Menger e seus alunos Friedrich von Wieser e Eugen von Böhm-Bawerk. O seu início foi uma reação ao historicismo⁸. Os adeptos da Escola Histórica Alemã alegavam que os fenômenos econômicos não poderiam

⁸ Apesar de o marco de fundação da escola ser normalmente considerado a publicação do livro *Princípios de Economia*, em 1871, de Carl Menger (compartilhando o mesmo marco com a origem da Escola Neoclássica), a distinção de “escola austríaca” só ficou em evidência em meio ao *Methodenstreit* (debate dos métodos), como observa Mises (1996 [1962], p. 77): “The term “Austrian School” was originally given to a small group of Austrian economists by their adversaries in Germany. When the term was first used against the Austrians in the 1880s, it was used as a pejorative, with a certain amount of contempt”.

ser explicados por generalizações válidas em todos os momentos e circunstâncias, e a análise desses fenômenos deveria, então, ser feita caso a caso por uma perspectiva histórica.

The historical school have discarded abstract deduction, but they cannot write three pages on economic questions, even in the historical style, without general theory, and one can construct no general theory without the use of abstract deduction (BÖHM-BAWERK, 1890, p. 260).

Esse debate foi importante para popularizar as ideias de Menger, e, posteriormente, seu trabalho, em especial a publicação do livro *Princípios de Economia Política* (1871), ser considerado um marco fundador da Escola Neoclássica, ao lado de Walras e Jevons, na chamada Revolução Marginalista.

Como o objetivo deste trabalho não é recontar todo o desenvolvimento da EA, a intenção, ao mencionar o *Methodenstreit*⁹, é dupla: ter em mente o motivo da resistência ao subjetivismo radical de Lachmann, que é visto como perigoso, pois a ênfase em expectativas divergentes gera vários problemas para os sistemas teóricos, e alguns austríacos enxergam traços do historicismo nessa abordagem; e, em segundo lugar, notar uma curiosidade, se nesse debate os austríacos eram os grandes defensores do método abstrato-dedutivo, no Debate do Cálculo Econômico no Socialismo, e nos desenvolvimentos posteriores da escola neoclássica, eles se encontram em uma posição diferente, denunciando os excessos de abstração, e até reivindicando mais realidade¹⁰.

...the antagonism that manifested itself in this debate [*Methodenstreit*] is not confined to a definite period or country. It is perennial (MISES, 1984 [1969], p. 20).

⁹ Ver Caldwell (2004, cap. 1).

¹⁰ Ver Boettke (2007).

2.3.1. Características Gerais

Fritz Machlup foi o primeiro a apontar as ideias centrais da Escola Austríaca¹¹; segundo Kirzner (1992, p. 64-65), ele listou seis ideias centrais para a EA, ainda antes da II Guerra Mundial:

1. Individualismo metodológico: refere-se à reivindicação de que os fenômenos sociais devem ser explicados em termos da ação humana proposital. Grupos ou coletivos não podem agir, senão por ações de membros individuais, logo há uma rejeição as explicações que partem do holismo metodológico: classe, raça, “espírito da nação”, agregados macroeconômicos, etc.
2. Subjetivismo metodológico: reconhece que ações individuais devem ser entendidas somente com referência ao conhecimento, crenças, percepções e expectativas desses indivíduos.
3. Marginalismo: as decisões econômicas são tomadas na margem. Enfatiza a importância de alterações em magnitudes relevantes, com as quais o tomador de decisão é confrontado.
4. A influência da utilidade (e da utilidade marginal decrescente) sobre a demanda, e os preços de mercado.
5. Custos de oportunidade: reconhece que os custos que afetam as decisões são aqueles que expressam a mais importante das oportunidades alternativas sendo sacrificada, ao se empregar os serviços produtivos para uma finalidade e não para esta melhor alternativa sacrificada.

¹¹ Os princípios fundamentais da EA apresentados foram baseados em Boettke e Leeson (2003) e Kirzner (1992), onde os autores apresentam e comentam o artigo “Austrian Economics” em Encyclopedia of Economics, de Fritz Machlup (1982). Para uma classificação do programa de pesquisa austríaco nos moldes MSRP de Lakatos, ver Barbieri (2001).

6. Estrutura temporal do consumo e da produção: expressa nas preferências temporais e de produtividade do “*roundaboutness*”, ou seja, enfatiza a maior produtividade de métodos indiretos de produção (intensidade do capital).

E, Kirzner (1992, p. 65) afirma que “com diferentes graus de ênfase a microeconomia moderna incorporou todas essas ideias”, afirmando também que “há todas as razões para concordar que eram essas as seis ideias que expressaram a abordagem austríaca, como compreendida, digamos, em 1932” (KIRZNER, 1992, p. 65). Ele menciona que esta era a opinião de Morgenstern e Mises, de que não havia mais divisões entre escolas, a teoria econômica estava integrada, partilhava dos principais elementos comuns que definiam o seu escopo, as diferenças eram mais de estilos.

Desenvolvimentos posteriores, nos trabalhos de Mises e Hayek, acrescentaram mais duas ideias, que foram importantes para separar a evolução e cisão, ao menos parcial, subsequentes entre a tradição austríaca e o *mainstream*. Estes desenvolvimentos posteriores, de Mises e Hayek, tiveram papel central no ressurgimento da EA.

7. Mercados como um processo dinâmico: a noção de mercados e competição como processos de aprendizagem e descoberta.
8. Incerteza radical: a decisão individual como um ato de escolha em um contexto essencialmente incerto, onde a identificação das alternativas relevantes faz parte da própria decisão.

Uma outra contribuição importante foi a do economista Hans Mayer¹² (2004[1932]) definindo as teorias dos preços em dois grupos (p. 145):

¹² Economista austríaco, professor na Universidade de Viena, onde foi sucessor de Wieser.

- I. *Teorías Genético Causales, que para explicar la formación de los precios pretenden proporcionar una comprensión de las correlaciones de precios a través del conocimiento de las leyes de su génesis.*
- II. *Teorías Funcionales, que por determinar precisamente las condiciones del equilibrio, pretenden describir las relaciones de correspondencia entre precios ya existentes en la situación de equilibrio.*

Foss (1996, p. 253), afirma que essa definição mantém uma boa correspondência com as teorias de preços atuais. No seu artigo de 1932, Mayer defendia que a teoria de preços desenvolvida pelos austríacos apresenta enfoque causal, e as outras que ele analisa, desenvolvidas por Jevons, Walras, Pareto, Cassel e Cournot, estão na segunda categoria, e são criticadas por ele:

...las teorías del equilibrio y su incapacidad para comprender la formación del precio, son, finalmente, resultado del hecho de que representan sistemas puros de verdades conceptuales o juicios analíticos (*vérités éternelles*, en palabras de Leibniz) y no exhiben ni una proposición sintética general (*vérité de fait*) ni una ley general obtenida de la experiencia, como en las ciencias naturales (MAYER, 2004[1932], p. 263).

Trazendo essas definições para os dias atuais, Foss argumenta (1996, p. 254) que as abordagens austríacas e evolucionistas (cita os trabalhos desenvolvidos por Nelson e Winter como exemplo) são teorias de preços genético-causais, e as neoclássicas, com foco em equilíbrio são teorias de preços funcionais.

Para Cowan (1994, p. 63), as teorias genético-causais apresentam três ideias centrais: agentes econômicos têm propósitos e agem em função deles, os resultados gerais do mercado (efeitos) apresentam relação causal com as ações individuais e, por fim, a natureza genética do processo causal, onde a causa não é simplesmente algo que sempre precede o efeito, mas deve ser entendida como o início de um processo cujo resultado é o efeito.

2.3.2. O Significado da Escola Austríaca

Qual é o significado da Escola Austríaca nos dias atuais? Kirzner (1992, p. 66-69) elencou cinco possíveis interpretações para o termo “Escola Austríaca”:

- 1) Termo estritamente histórico, nessa visão a EA deixou de existir em algum momento dos anos 1930, sendo parcialmente absorvida pela microeconomia (*mainstream* ou neoclássica), e em outro âmbito (teoria do capital e teoria dos ciclos) foi deslocada pela emergente macroeconomia keynesiana.
- 2) Outra visão se refere ao resgate dos trabalhos de Böhm-Bawerk, em relação à teoria do capital e dos juros, na década de 70, por economistas como John Hicks, Peter Bernholz e Malte Faber.
- 3) Para outros economistas (e não economistas), o termo “escola austríaca” tem sido identificado, principalmente após os anos 80, “menos como uma metodologia ou doutrina econômica específica, e mais com uma ideologia do libertarianismo¹³, no debate político e social” (1992, p. 67). Citando Machlup, Kirzner credita essa visão em partes a uma interpretação dos escritos de Mises sobre filosofia política e sua identificação com a EA, mas sobretudo aos trabalhos posteriores desenvolvidos por Murray Rothbard.
- 4) Nesta visão a escola austríaca ressurgiu institucionalmente nos Estados Unidos na década de 70 (VAUGHN, 1994), para ser mais exato em 1974, numa conferência sobre a EA, na cidade de South Royalton, em Vermont. As palestras foram compiladas em um livro: *The Foundations of Modern Austrian Economics* (DOLAN, 1976). E a escola austríaca moderna encontra na Universidade de Nova Iorque e, posteriormente, na Universidade George Mason, um ambiente institucional e acadêmico para desenvolver seus estudos.

¹³ Essa visão é amplamente rejeitada, pois como relembra Kirzner, a Escola Austríaca de Economia sempre esteve ligada, na esteira de Max Weber, a noção de *wertfreiheit* (uma ciência livre de valores). Boettke (1995) trata deste tema no seu artigo “*Why are there no Austrian Socialists? Ideology, Science and the Austrian School*”, onde ele mostra que Mises foi um defensor desta tradição. E afirma que “If the Austrian method necessitates at the outset that free market conclusions be drawn, then Austrian economics does not warrant serious scholarly attention and truly is a pseudo-scientific endeavor” (p. 38). Ver também Kirzner (1976), em: <http://www.econlib.org/library/NPDBooks/Dolan/dlnFMA5.html>

A base do programa de estudos são os trabalhos desenvolvidos por Mises e Hayek, sobre a teoria do conhecimento, a atividade empresarial e o processo de mercado.

5) Refere-se aos subjetivistas radicais, Lachmann e Shackle. Nessa abordagem há uma ênfase na incerteza radical envolvida na tomada de decisão. Para Kirzner (1992, p. 69), tal abordagem implica em uma rejeição de boa parte da microeconomia. E gera sérias restrições às generalizações nos sistemas teóricos. Para ele, essa visão se aproxima, em algum grau, das abordagens histórica e institucional.

2.3.3. Progressos em Subjetivismo

O subjetivismo representa uma abordagem fundamental para a teoria social em geral. O subjetivismo se concentra principalmente sobre o significado que as pessoas atribuem às ações e situações em um mundo de incertezas, com indivíduos agindo e resolvendo problemas inter-relacionais, numa escala de tempo e de consequente ignorância.

A ideia de subjetivismo mudou completamente a abordagem no campo dos fenômenos econômicos e sociais, por essa razão, pode-se designar como uma revolução subjetivista e a primeira centelha desta chamada "revolução" começou com a descoberta da teoria subjetiva do valor.

O subjetivismo metodológico considera os fenômenos econômicos e sociais, decorrentes das mentes e vontades dos seres conscientes e, portanto, é fundamentalmente diferente dos fenômenos das ciências naturais. Assim, para os economistas austríacos, a economia deve empregar um método de análise diferente do adotado pelas ciências naturais. Por exemplo, as ciências físicas descartam o propósito como uma construção teórica significativa e não empregam a compreensão interpretativa como um método de análise. Mas, tanto o conceito de propósito quanto as técnicas de compreensão interpretativa são fundamentais para a economia austríaca.

Lachmann (1973) define subjetivismo como "o postulado em que todos os fenômenos econômicos e sociais têm de ser explicados e inteligíveis em termos de

escolhas e decisões humana” (p. 10), e contrasta com o formalismo, “estilo de pensamento segundo o qual entidades abstratas são tratadas como se fossem reais” (p. 9).

Kirzner alerta que não devemos confundir subjetivismo com solipsismo ou com alguma outra forma de relativismo.

Subjectivism has never, of course, meant any challenge to the possibility of ‘objective truth’ in economics. It has never claimed that ‘everything is merely a matter of subjective interpretation’ by the would-be economist. What the subjectivism of the 1870s challenged was the basic - if unstated - classical tenet that ultimately the only determinant of social-economic phenomena is the objective physical environment. All economic science has endeavoured to account for real-world phenomena. The classical economist believed that these phenomena are to be seen as having been inexorably determined by the underlying physical realities. The availability of scarce natural resources, in conjunction with population and its demographics, basically determine the course of human history. What emerges over history is inescapable, it cannot be substantially altered by human will. Economic history emerges as automatically determined by the objective conditions governing and surrounding production. It was against this premise that Menger did revolutionary battle in his 1871 *Grundsätze* (KIRZNER, 1995, p. 11-12).

Shackle vai na mesma direção de Kirzner, e defende que o subjetivismo não quer suplantiar o “objetivismo”, mas busca uma análise mais integrada entre as duas perspectivas.

Lo objetivo y lo subjetivo. Lo primero debe abarcarse, lo último suprimirse y eliminarse. Es extraño que la Ciencia, esa vasta obra de pensamiento original, hubiese de llegar a sentir tal desprecio por sus orígenes (SHACKLE, 1976, p. 373).

Garrison (1987), ao resenhar o livro *The Market as an Economic Process* (1986), de Lachmann, observa que ele cita por duas vezes esta frase de Hayek: “... *it is probably no exaggeration to say that every important advance in economic theory during the last hundred years was a further step in the consistent application of subjectivism.*”, (p. 23 e p. 144), e no capítulo final faz um apelo para mais avanços em direção ao subjetivismo (p. 147). Para Lachmann, o programa de pesquisa do subjetivismo, apesar de se confundir com o programa de pesquisa austríaco, é

independente. Vejamos os avanços teóricos compartilhados pela EA e pelo subjetivismo¹⁴:

- Valor subjetivo (Carl Menger)
- Custos subjetivos/de oportunidade (Friedrich von Wieser)
- Escolhas (meios e fins) subjetivas (Ludwig von Mises)
- Conhecimento/Dados subjetivos (Friedrich Hayek)
- Expectativas subjetivas¹⁵ (Ludwig Lachmann)

Para os austríacos, uma explicação satisfatória do processo de mercado deve partir dos planos de ação dos indivíduos. Dessa forma, ela requer necessariamente a expansão do elemento subjetivo na análise econômica, pois parte de estratégias, planos de ação proposital e expectativas sobre o futuro, em um mundo no qual as ações não são automaticamente coordenadas. A teoria de processo descreve, então, as condições e maneiras pelas quais esse conhecimento subjetivo se revela acertado ou errôneo, o que nos leva à próxima seção.

2.4. O Problema do Conhecimento de Hayek

As principais contribuições de Hayek¹⁶ para a teoria do processo de mercado foram feitas em meio ao debate do cálculo econômico no socialismo, que em grande medida inspiraram a publicação de dois artigos seminais: *Economics and Knowledge*

¹⁴ Cabe notar que boa parte dessas contribuições foram adotadas, de forma total ou parcial, pela *mainstream* econômica (escola neoclássica).

¹⁵ A maior parte dos economistas da tradição austríaca ainda relutam em adotar essa contribuição lachmaniana.

¹⁶ Esses artigos foram compilados no livro *Individualism and Economic Order* (1948).

(1937) e *The Use of Knowledge in Society* (1945). Os artigos inspiraram posteriormente todo um campo que ficou conhecido como Economia da Informação¹⁷.

Nos artigos, Hayek está preocupado com o problema de coordenação e o papel do conhecimento nesse processo, ou seja, como, a partir da interação de indivíduos, num ambiente de conhecimento disperso e subjetivo, e com informações disponíveis contraditórias, emerge algum grau de compatibilidade de planos?

No artigo *Economics and Knowledge* (1937), Hayek questiona a teoria de equilíbrio, pois esta, ao tratar meios e fins como “dados”, transforma o problema econômico, em um exercício de lógica pura: equilíbrio se reduz à consistência interna de planos subjetivos de ação. As teorias de equilíbrio assumem que a coordenação já tenha ocorrido, e isso não nos ajuda a responder a pergunta mais interessante: como é que as economias alcançam a ordem a partir de conhecimento subjetivo potencialmente errôneo sobre os fundamentos da economia (preferências, tecnologias e disponibilidade de recursos)?

Naquele artigo, Hayek explica que a economia é, em sua essência, uma ciência que trata de como o conhecimento é adquirido e transmitido. Hayek descreve a economia como um sistema que se baseia não apenas na divisão do trabalho, como Adam Smith observou, mas também, na divisão do conhecimento. Para ele, a capacidade de mobilizar conhecimentos de forma descentralizada é uma virtude das economias de mercado.

O artigo *The Use of Knowledge in Society* (1945) vem para complementar e definir o que ficou conhecido como “Problema do Conhecimento” ou “Problema de Hayek”.

Qual é o problema que buscamos resolver quando tentamos construir uma ordem econômica racional? Partindo de alguns pressupostos amplamente aceitos, a resposta é bastante simples. Se detivéssemos todas as informações relevantes, se pudéssemos tomar como ponto de partida um sistema de preferências estabelecido, e se tivéssemos completo conhecimento dos meios disponíveis, o resto do problema seria simplesmente uma questão de lógica (HAYEK, 1945, p. 519).

¹⁷ Trabalhos posteriores inspirados nos artigos de Hayek foram desenvolvidos por Stiglitz, Grossman, Akerlof, entre outros. Como crítica, ver Boettke (2013).

E ele reforça o que já havia escrito no artigo de 1937, isto é, que esse não é o problema da economia, pois o que temos na realidade é que os “dados” não são dados. Ele faz uma distinção entre conhecimento científico, o conhecimento de certas regras gerais, e o “conhecimento desorganizado”, aquele que “nunca existe de forma concentrada e integrada, mas apenas como pedaços dispersos de conhecimento incompleto e frequentemente contraditório, distribuídos por diversos indivíduos independentes”. Esse é o “problema de Hayek”: como garantir que qualquer membro da sociedade fará o melhor uso dos recursos conhecidos, para fins cuja importância relativa apenas estes indivíduos conhecem. Ou, colocando sucintamente: o problema é a utilização de um conhecimento que não está disponível a ninguém em sua totalidade. Para Barbieri (2013, p. 187), é recorrente a confusão entre a natureza do conhecimento do economista (científico), por um lado, e do agente econômico (boa parte dele é tácito, não articulado), por outro. O conhecimento do primeiro, como vimos, é genérico e de natureza abstrata, ao passo que o conhecimento do agente é concreto, tendo que lidar “com todos os complexos detalhes do mundo real”, que variam no tempo e lugar.

Para Hayek, uma parte da resposta, para a pergunta: “qual é o problema que buscamos resolver quando tentamos construir uma ordem econômica racional?”, está no sistema de preços. Dada a complexidade do problema alocativo, diante da capacidade cognitiva limitada dos agentes, como tornar compatível o conhecimento potencialmente falho e disperso entre os agentes? A resposta está no entendimento do sistema de preços, como um mecanismo de aprendizado por correção de erros. Ele faz uma analogia do sistema de preços com a linguagem, ou seja, são formas de comunicação que surgem espontaneamente e agem como *proxies*, que permitem que as pessoas ajam como se tivessem o conjunto relevante de informações.

Já se pode começar a perceber como é sutil o sistema de comunicação no qual se baseia o funcionamento de uma sociedade industrial desenvolvida. Este sistema de comunicação, que chamamos de mercado, vem a ser um mecanismo de condensação de informações dispersas mais eficiente que qualquer outro deliberadamente concebido pelo homem para o mesmo fim (HAYEK, 1974).

2.5. Tendência das forças de mercado: equilíbrio x desequilíbrio

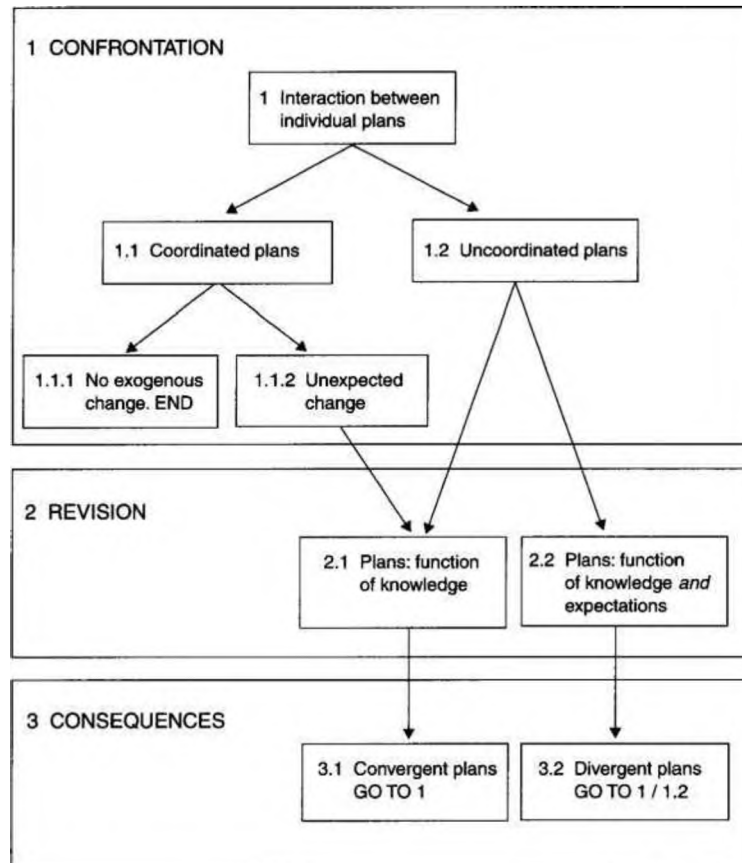
O problema do conhecimento de Hayek definiu o programa de pesquisa dentro da teoria austríaca de processo de mercado, a partir de seu ressurgimento, na segunda metade do século XX. O principal embate dentro da EA, a partir da segunda metade da década de 70, deu-se entre Kirzner e Lachmann, que tinham visões distintas sobre a natureza do processo de mercado. Os dois rejeitavam teorias de equilíbrio, porém, para Kirzner, partindo de um desequilíbrio, a atividade empresarial, no processo de mercado, desempenhava uma função coordenadora, a tendência do processo de mercado é equilibrante, porém sem nunca atingir um equilíbrio. Para Vaughn (1992, p. 251), “Kirzner vê como papel para a economia austríaca o de complementar a economia neoclássica, que em grande parte está correta, mas seriamente incompleta”.

Já para Lachmann as tendências descoordenadoras prevalecem no processo de mercado. O mercado seria como um caleidoscópio, “um processo contínuo, sem começo nem fim, impulsionado pela interação entre as forças de equilíbrio e as forças de mudança” (LACHMANN, 1994[1976], p. 233), e o processo de mercado é “a manifestação externa de um fluxo interminável de conhecimento” (1976a, p. 127). Para Lachmann, a EA se apresenta como “um desafio radical à ortodoxia neoclássica, ele baseia seu ponto de vista em sua leitura de Hayek, Keynes e Shackle” (VAUGHN, 1992, p. 252).

Num mundo “calêidico”, os dados não são constantes e as mudanças requerem interpretação. Cada indivíduo terá uma interpretação diferente, pois alguns são otimistas; outros, pessimistas e todos possuem um estoque de conhecimento diferenciado. Quanto mais no futuro estiver o objeto de uma conjectura, mais as interpretações variarão, pois mais fatos inesperados poderão ocorrer nesse intervalo de tempo. Isso torna a construção do equilíbrio menos aplicável conforme nos afastarmos no tempo ou ocorrem maior número de mudanças: quanto mais as expectativas divergem, maior é a sua importância como objeto de análise (BARBIERI, 2001, p. 58).

GLORIA-PALERMO (1999a) elabora um diagrama simplificado onde é possível ver as etapas da visão austríaca do processo de mercado e os pontos em que Kirzner e Lachmann divergem.

Figura 1: Processo de mercado austríaco



Fonte: GLORIA-PALERMO (1999a, p. 122)

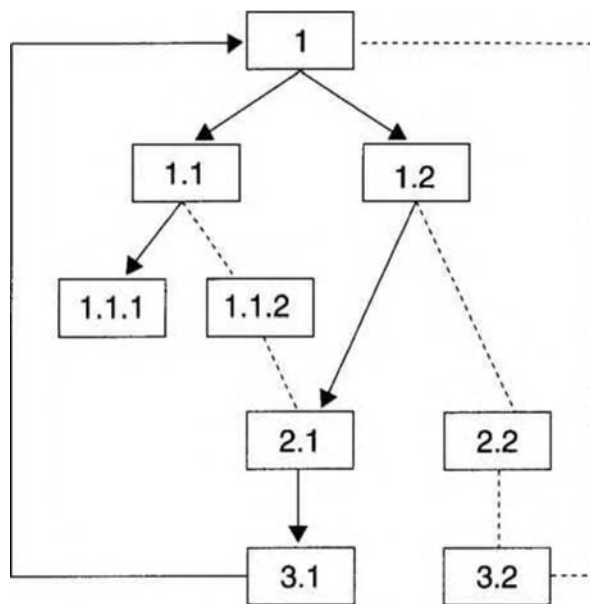
Para a EA, o mercado é visto como um processo, cujo resultado é alcançado pela interação entre planos individuais. Os agentes são concebidos como ativos e dinâmicos (*Homo agens*) em oposição à definição neoclássica de *Homo economicus*, em que simplesmente reagem a estímulos externos. O processo de mercado é o resultado da sucessão de três sequências:

1. Confronto de planos individuais: mostram os resultados obtidos no processo de mercado, pelo confronto de planos individuais do passado.

2. Revisão dos planos: se ocorrerem inconsistências entre os planos, ou seja, se os planos não forem compatíveis, isso significa que algumas pessoas não conseguiram chegar a seus objetivos, sendo necessário modificar seus planos originais.
3. Consequências dos ajustes: é o resultado obtido pela interação dos novos planos, gerando uma nova configuração do mercado.

A figura 2, abaixo, mostra a análise do processo de mercado decorrente da teoria do empreendedorismo de Kirzner. Supondo uma condição inicial de ignorância no mercado, isto é, uma situação em que, por causa da existência de oportunidades de lucro inexploradas, os planos individuais não são coordenados (1.2), o alerta empresarial (*alertness*) percebe essas oportunidades e, por meio de sua atividade de arbitragem, elimina as discrepâncias dos preços entre os diferentes mercados. Esse tipo de ação leva a uma redução da ignorância no ambiente da tomada de decisão (2.1). O processo converge para o equilíbrio quando oportunidades de lucro são detectadas e exploradas, sem que novas oportunidades de lucro sejam criadas endogenamente no processo de mercado (o processo se repete de 3.1 para 1, de 1 para 3.1...). Em (1.1.1) temos o equilíbrio, pois todo o conjunto de informações está disponibilizado para os indivíduos, através do empreendedorismo, então temos de 1 para 1.1 para 1.1.1. Em 1.1.2 o processo é semelhante ao que ocorreu em 1.2, a mudança gera oportunidades, e o alerta empresarial entra em ação e arbitra um novo equilíbrio. O mecanismo de ajuste é baseado no pressuposto da existência de uma realidade subjacente a ser descoberta, uma realidade definida antes e independentemente do desenrolar do processo de mercado, e que não é afetada no decorrer das interações sociais. Sendo o empreendedorismo o elemento final nessa dinâmica de ignorância para informação perfeita (1.1.1).

Figura 2: Processo de mercado, segundo Kirzner



Fonte: GLORIA-PALERMO (1999a, p. 124)

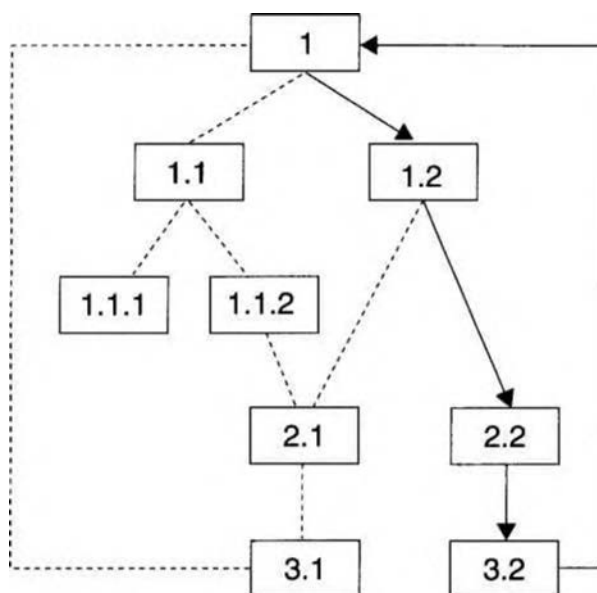
O fundamento lógico da visão de Lachmann do processo de mercado é semelhante em todos os pontos, exceto um, em relação à concepção de Kirzner. O ponto de divergência reside precisamente na definição de planos individuais. De acordo com Kirzner, os planos são concebidos a partir do conhecimento subjetivo do indivíduo. De acordo com Lachmann, os planos são o resultado da interação de dois elementos, do conhecimento e das expectativas:

- a. Conhecimento resulta da interpretação subjetiva da experiência do passado.
- b. Expectativas resultam das interpretações subjetivas das possíveis situações futuras, envolvendo um ato de imaginação.

Como Lachmann (1959, p. 67) explica, "os planos são produtos da atividade mental, que é tão orientada por um futuro imaginado quanto pela experiência passada".

Dado este alargamento do conceito de planos, o resultado obtido pelo processo de mercado contrasta com o tradicional. O mercado é descrito como um processo contínuo, caracterizado pela mudança inesperada e a inconsistência de planos. Esta característica não é simplesmente o resultado de alterações exógenas dos dados, mas é a consequência endógena da introdução das expectativas subjetivas. Planos são divergentes porque as expectativas subjetivas são baseadas na imagem que os agentes formam sobre um "futuro desconhecido, embora não inimaginável" (LACHMANN, 1976a, p. 55). A competição pode levar à difusão de conhecimentos relevantes, mas não de expectativas corretas. Expectativas subjetivas não podem ser difundidas de forma alguma, cada indivíduo, em cada momento do tempo, pode imaginar situações econômicas futuras diferentes e rever seus planos, como consequência de sua capacidade imaginativa. A possibilidade da inconsistência de planos desafia a visão tradicional de uma tendência para o equilíbrio. O mercado é agora um processo indeterminado, regido pela interação das forças de equilíbrio e desequilíbrio.

Figura 3: Processo de mercado, segundo Lachmann



Fonte: GLORIA-PALERMO (1999a, p. 126)

Na figura 3, acima, a representação da visão de Lachmann acerca do processo de mercado é só o ramo à direita. A inconsistência de planos é a regra e reflete o fato de que eles são construídos não só pelo conhecimento subjetivo, mas também pelas expectativas subjetivas (de 1.2 para 2.2). Como consequência, o processo de revisão de planos geralmente é divergente (de 2.2 para 3.2) e a configuração do mercado que emerge da interação dos planos individuais é um desequilíbrio (de 3.2 para 1 para 1.2). Nessa perspectiva, não há mais qualquer razão para enfatizar a função de equilíbrio do mercado, divergências de planos tornam-se a norma. A divergência dos planos representa, dentro da visão lachmaniana, a força motriz da mudança: o processo de mercado consiste numa sequência de interações individuais, cada uma denotando o encontro (e por vezes a colisão) de um certo número de planos, que enquanto é coerente individualmente e resulta em um equilíbrio individual, são incoerentes quando tratadas em grupo.

Temos aqui uma redefinição completa do problema de compreender o processo de mercado, em comparação à visão de Kirzner. Em Kirzner, os mecanismos que garantem a convergência do processo de mercado se baseiam no pressuposto da estabilidade relativa das interações no mercado. Em Lachmann, a investigação simultânea de ambos os mecanismos de convergência e divergência corresponde a um objetivo mais ambicioso: a compreensão das causas últimas da dinâmica do sistema de mercado.

3. O Pensamento de Ludwig Lachmann: entre Hayek e Shackle

It is precisely the subjective element which differentiates the Austrian school from mainstream neoclassical economics. Although there appears to be little difference between, say, Israel Kirzner and Armen Alchian, there is a world of difference between Ludwig Lachmann and Gerard Debreu (PRYCHITKO, 1987, p. 64).

3.1. Introdução

O objetivo deste capítulo é discutir os fundamentos do pensamento de Lachmann: a sua concepção de economia, os métodos que ele considera adequado para o estudo dos fenômenos econômicos e sociais, e as respostas que a teoria econômica pode, e as que ela não pode nos oferecer.

Lachmann escreveu um artigo intitulado “*From Mises to Shackle*”, com o objetivo de indicar um caminho a ser seguido, um progresso da abordagem do subjetivismo, das escolhas para as expectativas. Ele ressaltou semelhanças e diferenças, entre aqueles dois economistas, que tinham visões “virtualmente idênticas” sobre a natureza da escolha, o que parece ser bem controverso.

In all essentials the views on the nature of human action, the character of the world in which it takes place and the methods appropriate to its study, which we find in the work of Mises and Shackle are virtually identical (LACHMANN, 1994[1976], p. 226).

Este capítulo é inspirado nesse artigo de Lachmann. A primeira parte poderia ter o título “*From Hayek to Lachmann*”, pois tenta fazer uma comparação (apontar algumas semelhanças e diferenças) entre os dois economistas, que apresentam uma visão geral da economia “virtualmente idêntica”, mas o avanço interpretativo que Lachmann fez, e Hayek não, os levaram a caminhos diferentes, não opostos. E essa diferença de ênfase tem implicações gerais, seja nos resultados sobre o entendimento do processo de mercado, seja sobre suas teorias das instituições.

O último tópico aborda a teoria da decisão de Shackle, pois como apontou Lachmann (1994[1976], p. 224): “Shackle atacou a “cidadela neoclássica” onde ela é mais vulnerável”. E, talvez, a proposição de surpresa potencial seja sua maior

contribuição, e nos ajudará a compreender melhor a concepção de escolha no pensamento de Lachmann.

3.2. A economia como uma ciência social interpretativa

Lachmann foi um economista eclético, um dissidente de uma escola dissidente, educado na Alemanha onde prevalecia a Escola Histórica Alemã e o ensino da teoria econômica era negligenciado¹⁸. A concepção de economia de Lachmann foi bastante influenciada pela visão de Max Weber¹⁹ sobre a natureza da economia e das outras ciências sociais. Lachmann concebe a economia como uma ciência interpretativa e, portanto, ele está inscrito na tradição weberiana. Para a economia se tornar uma ciência interpretativa, Lachmann defende que ela não deve apenas descrever os fenômenos econômicos, mas, em vez disso, deve procurar explicar e entender o significado que os fenômenos econômicos têm para os agentes econômicos.

Characteristic of the trend of thinking of the Austrian school is, in our view, *Verstehen* (understanding), introduced as a method into the theoretical social sciences. This statement in no way diminishes the significance of the concept of marginal utility (LACHMANN, 1977, p. 47).

Isso significa que para Lachmann, os fenômenos econômicos devem ser explicados em termos de escolhas e decisões humanas, e os economistas podem fazer isso usando o método de compreensão interpretativa.

Compreensão, para Lachmann, não significa um método de imaginação que reconstrói a experiência psicológica de um agente econômico em termos de suas

¹⁸ Já em 1871 Menger dedicou o seu livro *Princípios de Economia Política* a Wilhelm Roscher, um dos fundadores da Escola Histórica Alemã. E Schumpeter, em 1908, escreveu no prefácio do seu famoso livro *The Nature and Essence of Economic Theory*: “I will pay special attention to my German audience by providing as much background information as possible in an area, which they might not know as well” (p. 11).

¹⁹ O pensamento e as ideias de Max Weber não são estranhas aos postulados da escola austríaca, em vários momentos houve concordância, seja sobre o Debate do Cálculo Econômico no Socialismo (BARBIERI, 2004, p. 64-65), seja sobre questões metodológicas como a adoção do individualismo metodológico, e o *Methodenstreit*: “He was quite willing to agree with the Austrians that all historical explanation requires causal schemes which are of a general nature. He recognized that there is a need for economic theory (LACHMANN, 1971, p. 25).

experiências, ou uma maneira de buscar o significado de um fenômeno econômico através de uma total empatia com outro agente, em determinada situação.

There is a significant difference between understanding as historical method, as it found its systematic expression, for example, in *Droysen's Historik*, and understanding as a theoretical method, that is, as a method for the interpretation of typical courses of action with the aid of thought designs, for example, economic plans (LACHMANN, 1977, p. 48).

Em vez disso, ele se refere ao método de interpretação como um processo racional de estudo discursivo que usa o que ele chama de esquemas de pensamentos para estabelecer um grau de compreensão entre os fenômenos econômicos e os atos das nossas mentes. Para Lachmann (1977, p. 173), “não são as causas psicológicas das decisões humanas, mas as suas consequências lógicas, que formam o objeto das ciências sociais analíticas”.

O esquema fundamental do pensamento na concepção de economia interpretativa de Lachmann é o plano. Um plano é uma imagem na mente de um indivíduo na qual ele examina os meios disponíveis e avalia como eles podem ser usados para obter seus fins. Lachmann adapta o conceito weberiano de “tipos ideais”, e propõe o plano como um conceito mais adequado para uma ciência interpretativa. Para Lachmann (1971, p. 28), “o conceito de Weber é muito amplo para ser útil”, sendo a noção de plano mais adequada para o estudo proposto, o da ação humana. Segundo ele, tipos ideais weberianos não contêm qualquer referência específica à ação humana e “podem ser facilmente aplicáveis tanto ao reino animal ou ao mundo das plantas quanto à esfera humana” (LACHMANN, 1971, p. 29).

O plano pode ser usado na interpretação de fenômenos econômicos, ou seja, na criação de um grau de correspondência entre a observação e as escolhas dos agentes econômicos. Os planos orientam toda a ação humana ou, pelo menos, todas as ações de interesse científico, uma vez que orientam os indivíduos a agir no mundo “calêndico” do processo de mercado (um mundo de mudanças inesperadas).

Every plan of course has to be flexible to some extent if it is to succeed. The need for flexibility partly stems from the fact that some of the knowledge relevant to the action will only be acquired in *agendo*, i.e. after the plan has been drawn up and the course of action started. To this extent the planner will have to leave certain blank spaces in his

scheme, details to be filled in later as new knowledge accrues in action (LACHMANN, 1971, p. 40).

Os planos individuais dos agentes econômicos contêm elementos comuns, aos quais Lachmann chama de pontos de orientação (meios e obstáculos), que auxiliam os agentes na tomada de decisão. Os elementos comuns contidos nos planos individuais podem ser fenômenos naturais, ações reais ou esperadas de outras pessoas ou instituições. Um exemplo da última categoria é a instituição do dinheiro, que é um elemento comum nos planos de todos os indivíduos envolvidos em trocas e cálculos dentro de uma economia monetária.

In these reflections I have taken the economic plan of an individual as the prototype of the scheme of thought lying at the base of action, mainly on account of its central significance for economic theory of Austrian character. Economic agents orient themselves to plans. There is no parallel for this in the study of the physical world. But to what facts do the planners orient themselves when making their plans? Partly to natural data, and partly to the actual or expected actions of other people. But there also are certain superindividual schemes of thought, namely, institutions, to which the schemes of thought of the first order, the plans, must be oriented, and which serve therefore, to some extent, the coordination of individual plans. They constitute, we may say, "interpersonal orientation tables", schemes of thought of the second order. To them praxeology, for which until now the plan and its structure have understandably occupied the foreground of interest, will increasingly have to turn in time to come (LACHMANN, 1977 [1966], p. 62).

3.2.1. Subjetivismo radical

O individualismo subjetivista serve como uma arma fundamental contra as abordagens da economia que Lachmann considerada defeituosas. Lachmann distingue-se pela utilização do subjetivismo como parte de uma revisão crítica da própria abordagem austríaca. Subjetivismo não aparece como uma fundação estabelecida de uma vez por todas, mas como um recurso que precisa ser melhor investigado.

A revolução de Menger era subjetivista, diz Lachmann, porém incompleta.

Menger, a man between two worlds, an Aristotelian who had to live in an age of triumphant positivism, was a nineteenth century subjectivist

who was unable to rid himself of his reliance on objective wants and his quest for "exact laws." But at the same time his work points beyond itself and beyond his day to important issues with which we are today intensely concerned (LACHMANN, 1994[1975], p. 221).

Como apontou Lavoie (1991b), Lachmann via o avanço do subjetivismo dividido em três fases. A primeira, o subjetivismo do valor (valor utilitário), que é baseado em Menger. Com Mises o subjetivismo avançou, sendo estendido as escolhas (meios e fins). A análise podia, portanto, basear-se apenas em elementos que são subjetivamente considerados como meios pelos indivíduos. Da mesma forma o subjetivismo de fins impede que propósitos e escalas de preferências individuais possam ser determinados.

Isto leva à terceira fase. Depois do subjetivismo do valor (Menger), do subjetivismo das escolhas (Mises), o alargamento se estende às expectativas (ou da "mente ativa" como Lachmann costuma se referir). É nesse momento que ele busca inspiração fora da EA, com destaque para o economista inglês George Shackle de orientação keynesiana (mas com influências austríacas²⁰), e considerado por Lachmann como o "mestre do subjetivismo" (1994, p. 240).

Economic choice does not consist in comparing the items in a list, known to be complete, of given fully specified rival and certainly attainable results. It consists in first creating, by conjecture and reasoned imagination on the basis of mere suggestion offered by visible or recorded circumstance, the things on which hope can be fixed. These things, at the time when they are available for choice, are thoughts and even figments (SHACKLE, 1972, p. 96 *apud* LACHMANN, 1994, p. 240).

Lachmann compartilha com Shackle a ideia de um futuro desconhecido e aberto. Expectativa é a capacidade de imaginar acontecimentos futuros, logo, é um ato criativo. Esta capacidade de imaginação é evidentemente específica para cada indivíduo.

Esta é a terceira fase do progresso do subjetivismo, que Lachmann chama de subjetividade da "mente ativa", e da qual passa a ser o grande defensor. Aqui

²⁰ Shackle esteve sob orientação de Hayek, na LSE, onde obteve seu doutorado. E escreveu sobre Hayek no tópico "Reconocimiento" do seu principal livro, *Epistémica y Economía* (1976): "El brillante estudio que hizo del papel que desempeña el conocimiento en los asuntos económicos fue una temprana fuente de inspiración para mí".

podemos destacar dois elementos essenciais: o subjetivismo das expectativas nos leva a adotar que as consequências futuras de uma ação são desconhecidas e destacar o papel da imaginação individual no ato da decisão. Já o subjetivismo da interpretação conecta o fluxo de informações atuais com o estoque de conhecimento do indivíduo. Já podemos notar duas consequências desta perspectiva.

Por um lado, o problema da ignorância não resulta, como em Hayek, em uma reflexão que faz com que a ação não-consciente, determinada pela adoção de regras de conduta, seja uma condição para o sucesso da ação. Para Lachmann, o indivíduo é guiado pelo pensamento ativo e consciente. Aqui ele é menos próximo de Hayek (como veremos mais à frente, nas consequências dessas posturas para as, respectivas, teorias das instituições). Ele também não insistiu, como Mises, no caráter de categorias *a priori* da razão. Ele está mais interessado em como o composto de pensamentos que constitui o conhecimento está mudando, como resultado de novas informações.

Além disso, o subjetivismo da mente ativa faz com que seja impossível relacionar estritamente expectativas e interpretações de indivíduos com processos econômicos e sociais. Entre um evento que afeta as pessoas e seus comportamentos, a subjetividade das expectativas e interpretações impossibilita o estabelecimento de relações mecânicas entre as variáveis. Para Lachmann, não é possível afirmar *a priori*, por exemplo, que a variação de um preço determina um tipo particular de comportamento. Tal acontecimento pode fazer com que ocorra uma variedade de condutas, dependendo de como os indivíduos interpretem tal mudança.

Se o problema para Hayek está relacionado aos conceitos de ordem espontânea e evolução, Lachmann nos oferece uma outra abordagem. Em conformidade com a sua visão subjetivista, ele vai questionar as instituições a partir de uma reflexão sobre os planos que estão subjetivamente formados pelos indivíduos. Não são abordagens opostas, mas com ênfases diversas, em alguns momentos até complementares, as quais, como veremos adiante, apresentam diferenças importantes.

3.3. Semelhanças com Hayek

Embora a concepção da economia como uma ciência interpretativa, de Lachmann, seja uma influência de Weber, sua visão de economia em relação aos métodos adequados para a aquisição de conhecimento dos fenômenos econômicos está próxima de Hayek. Lachmann, assim como Hayek, não confina as teorias econômicas às tautologias de uma “pura lógica da escolha” (incluindo a praxeologia), embora ele reconheça a lógica da escolha como sendo uma parte legítima da teoria econômica:

Lachmann accepts Hayek's description of praxeology as essentially formal and tautological, requiring for its fruitful application to catallactics supplementary hypotheses regarding the use and dissemination of knowledge. The pure logic of choice is supplemented by verstehen or "common sense" as a theoretical method, which is to serve in the identification of the means by which agents in the real world adapt their actions to match the ever-shifting preferences of their fellows (SELGIN, 1990, p. 35).

Uma segunda semelhança entre Lachmann e Hayek, é que eles não consideram a econometria como uma forma adequada para a criação de teorias econômicas. Para Lachmann, análises estatísticas de séries temporais na melhor das hipóteses, só podem lançar alguma luz sobre um determinado tempo e lugar, mas elas não podem gerar leis válidas para todos os tempos e lugares.

Statistical time series are records of the past. Impossible as it is to derive empirical laws by correlating them, such correlations may nevertheless cast some light on the events of the time of their origin. How much information these time series will disclose depends on our ability to ask meaningful questions of them. Subjectivism asserts itself here in that different social scientists will ask different questions. How large the proportion of persons in “tertiary occupations” was in a given society during a certain period may be of interest to one social scientist. Austrian economists, by contrast, might prefer to know how many of them were independent agents, active middlemen and dealers, since the operation of imperfect markets depends so largely on agents of this type. Asking meaningful questions is a skill that has to be acquired (LACHMANN, 1978, p. 17-18).

Lachmann acredita que a busca por leis econômicas universais a partir de generalizações empíricas falhou no “teste da história”.

Even the staunchest adherents of the view that economics is a 'science' and that economists must therefore devote themselves to the search for empirical generalizations of comprehensive character (whether or not we want to speak of 'universal laws') will have to admit today that during the last 250 years the quest has not been successful. Neither the *Tableau Economique* nor the Malthusian law of population, neither the quantity theory nor Keynes's 'law of the declining marginal propensity to consume' has stood the test of time. The consumption functions we know can almost invariably be improved by the addition of further variables. As to quantity theory, half a century ago everybody understood it to refer to the relationship between quantity of money and price level. But today it has undergone a strange metamorphosis: we are told that it refers to the relationship between quantity of money and 'money incomes'. We are all aware that the reason for the change lies in the fact that we are now living in a world in which prices can rise but never fall and in which deflation causes unemployment rather than price declines. But as long as we are not told in what circumstances monetary change would affect prices it is possible to feel that not much is left of the original 'law' (LACHMANN, 1971, p. 26-27).

Outra similaridade entre os dois economistas é que tanto Lachmann quanto Hayek adotam uma postura bem modesta em relação a previsões na ciência econômica; para eles a função principal da teoria econômica é servir de orientação para os indivíduos.

The service of a theory...would perhaps be better described by term orientation than by speaking of prediction. Although such a theory does not tell us precisely what to expect, it will still make the world around us a more familiar world in which we can move with greater confidence that we shall not be disappointed because we can at least exclude certain eventualities (HAYEK, 1967, p. 18).

What we may hope to accomplish here is to be able to show to what ends, means, and obstacles human action is oriented. Orientation thus emerges as a concept as fundamental to praxeological study as determinateness is to natural science. As the latter requires a 'closed' analytical system, consisting of functions like independent and dependent variables as well as constants, to warrant the determinate character of its results, so praxeology requires a more flexible form of thought, an 'open' analytical framework which will nevertheless permit us to ascertain the boundaries of action. Orientation is the pivotal concept within this framework (LACHMANN, 1971, p. 37-38).

Ambos consideram as previsões na teoria econômica como sendo de natureza negativa, ou seja, como a exclusão da possibilidade de ocorrência de certos fenômenos. Existindo tal coisa como "previsão negativa" (LACHMANN, 1977, p. 89), muitas vezes é possível que o economista possa prever que uma determinada política

irá falhar por causa de suas contradições inerentes, por exemplo, “uma política destinada a aumentar o investimento financiado pelo déficit e ao mesmo tempo para controlar uma inflação” (1977, p. 89).

3.3.1. Diferenças com Hayek

A diferença na concepção do que demarca o escopo da teoria econômica entre Hayek e Lachmann tem uma dimensão epistemológica. Hayek parte de uma base kantiana ou, para ser mais exato, segundo Gray (1982), Hayek está inserido na tradição da filosofia crítica pós-kantiana e, para ele, a mente humana delinea o âmbito da economia e seus programas de investigação. Já Lachmann não subscreve esta posição epistemológica, sendo difícil determinar a epistemologia em que ele fundamenta sua metodologia. No entanto, Lachmann foi profundamente influenciado pelos escritos metodológicos do filósofo Alfred Schütz, e os escritos metodológicos de Lachmann podem ser ligados ao ramo da fenomenologia representado por Schütz²¹.

Ludwig Lachmann..., pointed towards how Schutz's common-sense-realism and emphasis upon purposive human action had a fundamental affinity with elements of the Austrian program (KURRILD-KLITGAARD, 2003, p. 40).

Talvez a principal diferença entre Hayek e Lachmann seja a importância das tarefas que eles delegam para a teoria econômica. Lachmann, assim como Hayek, acredita que a teoria econômica tem como função explicar as consequências não intencionais da ação humana. Porém, para Lachmann, esta é uma tarefa secundária, enquanto para Hayek é a principal tarefa das ciências sociais. Um dos motivos que leva Lachmann a definir como tarefa secundária a análise das consequências não intencionais da ação é que, de certa forma, ela se choca com a sua concepção de plano a partir das escolhas humanas e interpretativas. O foco nas consequências não

²¹ Como observa Grinder (1977, p. 23), “quando o subjetivismo perdeu relevância nos círculos acadêmicos, Lachmann o defendeu com maior intensidade. E a base da defesa de Lachmann foi fortemente influenciada pelos escritos de Alfred Schütz”. Cabe lembrar que Schütz participou do *Privatseminar* de Mises, em Viena, nos anos de 1920.

intencionais cria sérias dificuldades para a sua economia da interpretação, uma vez que nega a sua razão de ser. De acordo com Lachmann, a tarefa principal para a teoria econômica “é tornar o mundo em nossa volta inteligível em termos da ação humana e da busca de planos” (1977, p. 261).

Para Lachmann há dois aspectos. O primeiro e mais importante deles é retrospectivo, procura explicar como uma situação existente surgiu a partir dos planos e ações dos indivíduos. Isso é possível empregando esquemas genético-causais para traçar as causas sociais das escolhas e decisões humanas. O economista, aplicando estes modelos "genético-causais" para dados históricos pode comparar, pelo menos em princípio, os planos *ex ante* dos agentes econômicos com os resultados *ex post*. O aspecto retrospectivo é mais importante, de acordo com Lachmann, pois os economistas ao se perguntarem e tentarem responder a questões – por exemplo, como a economia moderna evolui para um determinado tipo de sistema monetário e de crédito ou para instituições de estado de bem-estar social – devem apresentar interpretações que traduzam esses fenômenos em termos inteligíveis.

O segundo aspecto é a elucidação de ação futura. Para Lachmann isto envolve verificar se os planos dos agentes econômicos são consistentes através do emprego de esquemas "genético-causais". Se eles são consistentes, então podemos fazer a previsão de que é possível haver sucesso. Se eles são inconsistentes, então podemos prever que as expectativas vão ser frustradas e ocorrerá uma revisão do plano. Para que a economia possa cumprir esse papel prospectivo, Lachmann sustenta que ela deve desenvolver maneiras de descrever e comparar um grande número de possibilidades futuras, o que permitiria à teoria econômica descrever o que possivelmente pode acontecer, e não o que especificamente vai acontecer. Lachmann sustenta que a falta de conhecimento sobre o futuro só permite aos economistas fazer previsões negativas, como relatado anteriormente.

3.4. Instituições e planos individuais

Os planos são padrões mentais que correspondem a projetos de ação. Ao conceber um plano, o indivíduo conecta seus objetivos com os meios disponíveis e obstáculos que ele espera encontrar. Assim, para Lachmann, o plano contém não apenas "diretrizes para a ação no espaço e no tempo" (1971, p. 38), mas fornece ao

indivíduo "um quadro sistemático de todos os pontos relevantes para a orientação de um curso da ação" (p. 38).

A questão das instituições irá surgir a partir dos problemas gerados pelas interações dos planos individuais. Entre os "pontos de orientação" disponíveis para um indivíduo estão as ações dos outros indivíduos. Mas cada plano é originalmente formado na ignorância do curso real dos eventos. Consequentemente, sempre que a ação é executada, haverá imprevistos. E os indivíduos terão que rever seus planos. Esta flexibilidade é necessária, dado o conhecimento limitado dos indivíduos e a necessidade de se adaptar a um ambiente em constante mudança.

Conhecimento limitado, revisão dos planos, ações individuais, a abordagem de Lachmann parece muito próxima à de Hayek. A seguir veremos como uma diferença de perspectiva leva Lachmann e Hayek para caminhos diferentes, em suas respectivas teorias das instituições.

A revisão dos planos sempre vigora, para Lachmann, dada a volatilidade das ações individuais, o que acarreta em instabilidade cumulativa das interações, pois, para Lachmann, os erros no mercado não se anulam, em geral eles se somam. A ação representa uma outra parte dos pontos de orientação que compõem o plano de cada indivíduo. Se essas ações são voláteis, os planos individuais já não incluem "pontos de orientação" suficientemente estáveis para permitir que os indivíduos possam construir uma representação confiável do futuro. Essa posição faz com que Lachmann rejeite uma prevalência das tendências ao equilíbrio no decorrer do processo de mercado. Se para Hayek, a revisão dos planos leva a uma melhora na coordenação entre os indivíduos, para Lachmann o resultado é indeterminado, pode levar tanto a uma redução quanto a um aumento dos desequilíbrios.

É aí que entra o papel das instituições: atenuar essas volatilidades. Como as instituições têm, por definição, uma duração, uma permanência, que serve como "placas de sinalização" (LACHMANN, 1971, p. 72) comuns aos indivíduos, elas terão um efeito duplo. Por um lado, elas constituem "pontos de orientação", cuja estabilidade dará aos planos individuais a confiabilidade que eles precisam. Por outro lado, as instituições de cunho social podem fornecer características comuns a diferentes planos formados subjetivamente. Guiados pela mesma "sinalização", as ações individuais terão a possibilidade de se coordenar com mais facilidade. As instituições oferecem, de fato, uma maior estabilidade para os planos de ação. Estes, são para

Lachmann, os "esquemas de orientação de segunda ordem, para que os planejadores orientem os seus planos, assim como os agentes orientam suas ações para um plano" (1971, p. 50). A teoria das instituições é necessária para complementar a teoria da ação individual, e é esta ligação entre as ações e as instituições que irá surgir, durante a análise de Lachmann sobre a ordem institucional.

3.4.1. Flexibilidade e coerência²²

Da mesma forma que os indivíduos devem rever os seus planos quando eles adquirirem novas informações ou quando o ambiente muda, as instituições devem estar aptas a mudar.

In our view the central problem of the institutional order hinges on the contrast between coherence and flexibility, between the necessarily durable nature of the institutional order as a whole and the requisite flexibility of the individual institution (LACHMANN, 1971, p. 13).

Para Lachmann, as instituições, assim como os planos individuais, devem ser flexíveis. Ao contrário de Hayek, Lachmann não concentra a sua atenção nas instituições que surgem espontaneamente. Seguindo a tradição de Menger, Lachmann (1971, p. 57) distingue as instituições em orgânicas, as quais são o resultado não intencional das ações individuais, e em instituições pragmáticas, que são criadas intencionalmente, por ação deliberada dos indivíduos, sendo todas estas instituições constituintes da "ordem institucional". Quando há uma mudança em alguma delas, não deve haver conflito, deve haver uma coerência como um todo.

Essa coerência é importante, pois é a garantia da permanência da ordem. É graças a ela que as instituições continuam a ser pontos de orientação estáveis, de que as pessoas precisam para formar seus planos. Por outro lado, a flexibilidade necessária das instituições para se adequarem às mudanças pode tornar os "pontos de orientação" voláteis e aumentar a instabilidade do sistema econômico. Tomemos o caso das instituições pragmáticas. Essas são basicamente, como diz Lachmann,

²² Richard Langlois (1986) apresentou um artigo com título similar no *Festschrift* que foi oferecido em homenagem aos 80 anos de Lachmann, e um trecho pode ser visto em: <http://web.uconn.edu/ciom/Flexibility.pdf>

instituições resultantes da "vontade social" (1971, p. 57), que são as normas que regulam as ações dos agentes, inclusive as dos agentes do Estado. Se o Estado, através da legislação, por exemplo, cria regras incompatíveis com a ordem institucional existente, ele questiona a sua própria coerência e, portanto, sua permanência fica comprometida. Esse tipo de alteração impossibilita que as pessoas possam prever os limites e as direções das mudanças institucionais, já que as novas regras introduzem uma lógica diferente da que prevaleceu até o momento. Os pontos de orientação não são mais estáveis e a incerteza aumenta. Esse exemplo pode nos levar a crer que a abordagem de Hayek sobre as consequências não intencionais e as ordens espontâneas estão trabalhando, mas isso não é uma conclusão necessária, até porque um processo degenerativo também pode ocorrer nas instituições orgânicas.

Assim, a abordagem de Lachmann sobre o mecanismo social de seleção das instituições mostra claramente uma diferença de perspectiva em relação a abordagem de Hayek. Lachmann pensa o processo de mudança institucional, de forma similar à que ele formula em sua teoria do processo de mercado. Guiados por seus interesses pessoais, alguns indivíduos, aos quais Chiles (2007, p. 47) chama de "empreendedores institucionais", agem como inovadores que procuram melhorar as suas posições econômicas através da criação de novas regras. Alguns falham, outros obtêm êxito. Quando inovações são bem-sucedidas, elas são imitadas por outros indivíduos-empreendedores institucionais. Até aqui, o raciocínio permanece próximo ao de Hayek²³. Mas notamos um importante ponto de demarcação entre os dois autores. Em Lachmann, a seleção de instituições não é uma seleção de grupo. Não é porque alguns grupos prosperaram com as novas regras, que as instituições estão se espalhando. Isso ocorre porque elas melhoram a situação de determinados agentes e se estes agentes conseguirem que estas instituições sejam aceitas por outros agentes ou predominem no embate com outras (STRACHMAN, 2002).

Portanto, Lachmann mantém uma abordagem mais individualista do que Hayek. O resultado dessa abordagem segue de forma similar à sua abordagem da interação dos planos individuais no processo de mercado. Da mesma forma, não podemos assumir nela a predominância de forças de equilíbrio, não há garantia de

²³ Ver Hayek (1985).

que as novas regras emergentes, espontaneamente ou deliberadas, mantenham ou intensifiquem a coerência global das instituições. Assim, enquanto as regras de Hayek são aquelas que garantem a existência de uma ordem espontânea, em Lachman não há nenhuma garantia de que as novas regras resultem na permanência da ordem institucional. A questão central para ele é a de como conciliar a flexibilidade com a manutenção da coerência da ordem institucional.

Is the annual flow of legislation in the modern state compatible with the permanence of the legal order? Without the latter intertemporal market transactions are impossible, yet the former is a fact of experience. We suggest that in modern society the gap has been bridged by means of tacit conventions which it is our task to make explicit (LACHMANN, 1994 [1979], 253).

3.4.2. A necessária articulação das instituições

A solução para o problema levantado na seção anterior leva Lachmann a formular como se dá a articulação entre instituições orgânicas e pragmáticas.

Lachmann considera as instituições pragmáticas, em especial, as regras legais, como resultantes de atos intencionais da vontade social, e é nesse ambiente que ele concebe um quadro integrado em que as instituições orgânicas se desenvolvem nas "lacunas" deixadas pelas instituições pragmáticas:

In such a society it might be said that the undesigned institutions which evolve gradually as the unintended and unforeseeable result of the pursuit of individual interests accumulate in the interstices of the legal order. The interstices have been planned, though the sediments accumulating in them have not and could not have been. In a society of this type we might then distinguish between the external institutions which constitute, as it were, the outer framework of society, the legal order, and the internal institutions which gradually evolve as a result of market processes and other forms of spontaneous individual action (LACHMANN, 1971, p. 81).

Instituições pragmáticas aumentam a previsibilidade da mudança institucional, o que limita os possíveis efeitos negativos de mudança sobre planos individuais. Os pontos de orientação em que se baseiam os indivíduos devem mudar em um quadro claramente identificável. Assim, o efeito perturbador da transformação institucional é significativamente reduzido. Segundo Lachmann, não é a mudança institucional, como

tal, que é perturbadora, mas a mudança que não poderia ser antecipada. Não é, diz ele, "o movimento, como tal, mas o movimento irregular que faz com que uma instituição seja incapaz de servir como um ponto de orientação" (1971, p. 79).

Esse ponto é apenas uma primeira abordagem para o problema. O próximo passo para Lachmann, é que devemos integrar a questão de mudança ao "quadro externo" em si. Pode-se assumir, afirma Lachmann, que as instituições pragmáticas estabelecem um quadro fixo ou até mesmo um quadro que apresenta uma taxa de variação menor do que a encontrada nas instituições orgânicas (espontâneas). Por outro lado, a legislação pode mudar rapidamente sob a liderança do Estado, o que afeta rapidamente o escopo das atividades individuais. O problema então é empurrado de volta, só que em um nível mais geral: como garantir a permanência da ordem de todas as instituições, quando tanto as instituições orgânicas quanto as pragmáticas mudam? Ele defende, mais uma vez, que essas mudanças devem ocorrer dentro de certos limites, e agora esses limites se aplicam a ambas as instituições.

Esta conciliação entre permanência e mudança só pode ser feita se houver um número muito limitado de instituições imutáveis. Essas instituições, Lachmann chama de "instituições dobradiças":

...problem of the flexibility of the institutional order which must contain both, flexible and immutable elements and which we likened to an array of hinges; the hinges, immutable and known as such, permit other elements to 'turn' within limits (LACHMANN, 1994 [1979], p. 252).

Através destas instituições dobradiças, os indivíduos podem prever tanto a direção quanto os limites da mudança institucional. Enquanto essas "instituições dobradiças" forem respeitadas, as mudanças não comprometem a coerência da ordem institucional. Assim, os indivíduos podem fazer seus planos com base em pontos de orientação confiáveis. Numa economia de mercado, por exemplo, duas instituições dobradiças são essenciais para Lachmann: a propriedade privada e a liberdade de contrato (1971, p. 90). Todas as instituições podem mudar significativamente, mas, com esses dois pilares sendo respeitados, a ordem institucional mantém a sua coerência e os indivíduos são capazes de prever os limites das mudanças, devido ao respeito das "instituições dobradiças".

Podemos perceber que Lachmann é menos confiante na seleção espontânea de regras do que Hayek. Isso não surpreende, pois sua abordagem da análise

institucional é similar à sua teoria do processo de mercado. As instituições que surgem espontaneamente não garantem a manutenção da ordem e do desenvolvimento, que deve ser garantido por instituições criadas intencionalmente, dentro dos limites estabelecidos pelas instituições dobradiças. A partir de uma abordagem que coloca mais ênfase no comportamento individual, Lachmann vem a colocar no Estado um papel institucional maior do que ele tem para Hayek.

3.5. Shackle: escolha como possibilidade e processo de criação

O pensamento econômico de Shackle não é fácil de ser classificado, mas geralmente é considerado como uma variante da economia pós-keynesiana²⁴. Essa classificação é compreensível pois Shackle enfatiza sua dívida intelectual com Keynes, ao longo de sua obra, e salienta que seu pensamento econômico procura desenvolver os *insights* fundamentais de Keynes. Para Shackle, esses *insights* constituem o coração e a alma da revolução keynesiana e exigem uma reconstituição da teoria econômica. Para ele, esses insights fundamentais de Keynes têm a ver com a natureza das escolhas reais. Na visão de Shackle, o trabalho de Keynes interpretado corretamente leva o economista a conceber a economia como uma ciência da escolha. Essa concepção da economia como uma ciência de escolha é essencial para o entendimento do pensamento econômico de Shackle e pode ser visto, por exemplo, nas duas tarefas que ele atribui à teoria econômica:

A teoria econômica trata das fontes de conduta individual e das consequências da sua interação. É a fusão de duas questões, do modo de conduta da escolha e do resultado da combinação das escolhas de muitos homens, isso constitui a economia como um corpo distinto de ideias e uma disciplina única (SHACKLE *apud* LACHMANN, 1976b, p. 216).

²⁴ “Perhaps the most uncompromising, and certainly the most tirelessly eloquent, exponent of fundamentalist Keynesianism is G. L. S. Shackle”, (CODDINGTON, 1976, p. 1260). E Paul Davidson (1992, cap. 1) enfatiza que a alternativa pós-keynesiana ao *mainstream* econômico é baseada, em parte, na visão de Shackle. Colocando ao lado de Shackle, como líderes do movimento, que tem como objetivo desenvolver as ideias originais de Keynes, os economistas R.F. Harrod, S. Weintraub, P. Davidson, H.P. Minsky, B.J. Moore e J.A. Kregel (DAVIDSON, 1992, p. 8).

Para entender a concepção de economia de Shackle, como uma ciência da escolha, é necessário compreender sua concepção de escolha e conjunto de escolhas. Escolha, de acordo com a Shackle, pressupõe três coisas. Em primeiro lugar, a história humana é indeterminada. Em segundo lugar, nem o agente nem um observador externo pode saber das escolhas e as suas consequências antes que elas ocorreram. E em terceiro lugar, o cosmos em que a escolha se dá deve apresentar um certo grau de ordem, ou seja, a incerteza não pode estar desvinculada deste cosmos, do contrário a escolha seria desinteressante, ou até mesmo sem sentido. Além disso, para Shackle, o conjunto de opções de escolha para o um agente não é fechado nem existe objetivamente, pelo contrário, é subjetivo e infinito. Consequentemente, o conjunto de todas as escolhas individuais por sua natureza não pode ser conhecido por qualquer homem ou grupo de homens, embora as tentativas possam ser feitas para se obter alguma vaga impressão deste conjunto, pelo uso da imaginação do indivíduo.

Como parte de este esquema de ideas y con objeto de determinar su posibilidad y su consistência lógicas, propusimos partir del supuesto de que la decisión es, en un sentido especial, "incausada", que el haz de ideas entre las cuales se elige procede en parte "por inspiración" de una fuente que no se puede descubrir. Decidimos suponer que, a partir del conocimiento del pasado, por completo que sea, un observador objetivo no puede deducir el repertorio o la serie de diversas secuencias de situaciones imaginadas (o, indistintamente, de acontecimientos) de los cuales el sujeto de la decisión puede decirse a sí mismo: "ésta, o ésta, o ésta...", cualquiera de ellas podría ser la secuela de este acto concreto en que estoy pensando". Supusimos que la decisión es creadora en cuanto que el pasado no determina la lista de resultados contrários que puede imaginar el sujeto de la decisión en relación con cualquiera de los posibles actos que contempla; y que la decisión es racional en cuanto que necesariamente elegirá aquel acto cuyas posibilidades imaginadas (visibles después de una radical simplificación, cuya naturaleza y justificación indicamos) le dan la experiencia total más deseada por anticipación. Así dijimos que incertidumbre de una parte e imaginación creadora de otra son inseparables; que la decisión es elección entre construcciones mentales, cada una de las cuales está constituida por una serie de resultados imaginados, no reales ni "objetivos", y que la condición necesaria para la inclusión de un resultado en estas series es un cierto grado de posibilidad; y, finalmente, que los grados de posibilidad se determinan por su posición en la escala de una variable de incertidumbre no distributiva (SHACKLE, 1966, p. 280-281).

Essa concepção de escolha como um processo criativo ou como um começo definitivo, uma "causa não causada", como enfatiza Shackle, difere essencialmente e radicalmente da concepção de escolha na economia convencional (*mainstream*).

La economía convencional no se ocupa de la elección, sino del actuar en función de la necesidad. El hombre económico obedece los dictados de la razón, sigue la lógica de la elección. Llamar elección a su conducta es ciertamente hacer mal uso de las palabras, si suponemos que los fines entre los que puede optar y los criterios de selección le son dados, y que conoce los medios conducentes a cada fin. La teoría que describe la conducta partiendo de estos supuestos es una teoría de estructura, no de creación de la historia. En tal teoría la elección es vacía, y la economía convencional debería abandonar esta palabra. ¿Acaso la única alternativa de una teoría de la acción necesaria es una teoría de la acción no racional, arbitraria? La solución que hemos sugerido consiste no en abandonar la racionalidad, no en renunciar a la adopción de los medios que conducirán al fin elegido, sino en abandonar el postulado de que los fines posibles están dados. Suponemos que la manera de eludir la necesidad es crear fines, y que esto es posible porque los fines, mientras sean posibles y se puedan rechazar o aceptar, han de experimentarse, forzosamente, por anticipación o imaginación, no porque se den en la realidad. La elección, ineludiblemente, es elección entre ideas y suponemos que las ideas no están dadas (SHACKLE, 1966, p. 281-282).

O fundamental para o conceito de escolha de Shackle é a natureza temporal da escolha, que envolve a projeção da ação para o “vazio”, o futuro. Na verdade, ele considera a teoria econômica sendo fundamentalmente demarcada por quatro conceitos de tempo empregados na análise econômica. Como destaca Carvalho (1983-84), em primeiro lugar, temos o subconjunto da teoria econômica que está fora do tempo, onde o “observador externo, tudo sabe, do futuro, bem como do passado... no sentido em que o passado, o presente e o futuro são apenas momentos de uma sequência conhecida” (p. 267); esse é o tempo mecânico, como por exemplo, o adotado na análise estática. Em segundo lugar, há o tempo histórico ou tempo evolutivo, onde “o observador externo não é onisciente. Abordagens históricas exigem este conceito de tempo” (p. 268). Em terceiro lugar, há o tempo teórico, ou como chama Carvalho dos “modelos intertemporais”, que pode ser representado como um parâmetro de mudança, “assumem compatibilização prévia dos planos, através de processos instantâneos de geração e difusão de informação” (p. 268), como, por exemplo, nas análises dinâmicas ou em alguns modelos teóricos de ciclo de negócios.

O quarto conceito é o tempo de expectativa, que, para Shackle, é o conceito relevante em uma ciência da escolha. Para Shackle, “tempo de expectativa” significa que o tempo é percebido subjetivamente e possivelmente valorizado, naquele momento solitário entre passado e futuro, em que a escolha ocorre.

Expectational time is an aspect of a decision-maker's effort to choose a course of action in face of uncertainty about the outcome which would flow from this course or that (SHACKLE, 1968, p. 67 *apud* CARVALHO, 1983-84, p. 268).

Sendo o futuro criado, em parte pela própria escolha, Shackle mantém o “tempo de expectativa” ou, mais especificamente, aquelas expectativas que são relevantes para a escolha, como o seu principal objeto de análise. Essas expectativas não podem ter como base, nem serem formuladas como, uma função do conhecimento futuro, porque tal conhecimento por sua própria natureza não nos é dado previamente. Em sua concepção da economia como uma ciência da escolha, as expectativas são baseadas em crenças ou cenários imaginados do futuro. Estes cenários imaginados, Shackle chama de “*choosables rivals*” (1979, p. 22).

Para Shackle, a natureza da escolha tem uma série de implicações fundamentais, para a teoria econômica. Em primeiro lugar, a teoria econômica não pode ser usada como uma ferramenta para prever, pois seria uma contradição em termos ou uma abolição do conceito de decisão. Ele concorda com Lachmann que a previsão é uma atividade humana, precária e imaginativa.

Our inability to predict future events in no way prevents us from making forecasts about the success of our actions, forecasts which may of course be falsified by later events. Indeed, the former compels us to undertake the latter. Making such forecasts is a human, not a scientific activity (LACHMANN, 1986, p. 139).

Em segundo lugar, a teoria econômica deve ser de natureza classificatória e pode nos dizer apenas o que pode ou não acontecer.

El tipo de teoría que estamos describiendo renuncia, por su naturaleza misma, a toda pretensión de ofrecernos un marco general, permanente, de explicación de las desviaciones o cambios. Esta renuncia constituye la esencia del método. Es lo que permite a la teoría contar su cuento complejo y escurridizo en un lenguaje sencillo y convincente. Pero si la teoría pretende darnos únicamente una

explicación de momento particulares, peculiares y especiales (que nunca podrán alcanzarse de hecho probablemente) y repudia toda esperanza de conectarlos mediante un mecanismo inteligible, permanente, que haga posible el pronóstico, entonces la teoría debe ser explícitamente clasificativa, y colocar las situaciones en esta o aquella casilla conforme a lo que puede ocurrir como consecuencia de la misma. Las teorías que nos dicen qué es lo que ocurrirá pretenden demasiadas cosas: demasiada independencia respecto de su entorno turbulento, demasiada capacidad para mantenerse de pie en medio de las tempestades de la política, de la diplomacia y del azar y el cambio técnicos, demasiada sencillez interna inclusive para el mundo mismo de los negocios. Las teorías Kaleidicas nos proporcionan discernimiento profundo: nos preparan para lo que, por su propia naturaleza, no puede conocerse con seguridad, o exactamente, o en detalle, pero que no tiene porque provocarnos una sorpresa total (SHACKLE, 1976, p. 94-95).

No livro *Decisión, orden y tiempo* (1966), Shackle desenvolve os pontos essenciais para a compreensão da sua teoria da decisão. A escolha é tratada como inventiva, ou como um começo definitivo, e a incerteza inerente ao processo de decisão é modelada em termos de sua concepção da possibilidade, que ele chama de surpresa potencial, que não é nem aditiva nem distributiva.

Shackle tenta explicar formalmente sua teoria da decisão, sem recorrer ao cálculo de probabilidades. Ele elenca uma série de razões para considerar a teoria da probabilidade, em todas as suas formas, como deficiente em representar a incerteza inerente à escolha. Isso significa, para ele, que qualquer teoria de decisão com base na teoria de probabilidade, pela sua própria natureza, é incapaz de produzir conhecimentos substanciais sobre a tomada de decisão.

Ele afirma que a teoria da probabilidade não pode ser aplicada à teoria da decisão. Em primeiro lugar, a escolha é crucial, única e altera a natureza do tempo futuro, ou seja, a escolha, em certo sentido, é um experimento autodestrutivo. A teoria da probabilidade, por outro lado, diz respeito a grupos de eventos, não a escolhas únicas e cruciais. A teoria da probabilidade é uma distribuição de certeza sobre itens listados, enquanto a incerteza trata a escolha como uma lista que é produto da imaginação do indivíduo, uma lista que é incompleta, e em certo sentido infinita.

Para Shackle, a surpresa potencial, que ele axiomatiza²⁵ em 17 proposições (nove postulados e oito teoremas), não sofre das falhas da teoria da probabilidade²⁶.

²⁵ Em “*La sorpresa potencial em axiomas*”, capítulo 10 (p. 91-97), do livro *Decisión, orden y tiempo* (1966).

²⁶ No capítulo 9, “*La incertidumbre como posibilidad*”, p. 88-90, do livro *Decisión, orden y tiempo* (1966), Shackle faz uma comparação, em seis itens, entre a probabilidade, “*la variable distribucional de incertidumbre*”, e a surpresa potencial, “*la variable no distribucional*”.

4. Mercado como um Processo: o empreendedor lachmaniano em um mundo de mudanças inesperadas

While this work may be viewed simply as an integration of Keynes' and Shackle's views on expectations with Austrian individualism, this book demonstrates that his project is rather more extensive, building on his 1956 *Capital and Its Structure* (KREGEL, J. A. 1988, p. 96)²⁷.

4.1. Introdução

Lachmann considera que o desenvolvimento da análise econômica está intimamente ligado ao progresso do subjetivismo. Ele concorda e cita esta frase de Hayek com frequência (1986, p. 23 e p. 144), "todo avanço importante na teoria econômica durante os últimos cem anos tem sido um passo na aplicação coerente do subjetivismo". No entanto, ele constata que a tradição austríaca, que desde a sua fundação levantou a bandeira do subjetivismo, tem relutado em avançar essa abordagem para as expectativas. Se os austríacos estavam negligenciando o papel das expectativas, e isso incomodava Lachmann, ele foi buscar inspiração em outras tradições, particularmente no trabalho de Keynes que havia mostrado que as expectativas desempenham um importante papel na teoria econômica. Para ele, as expectativas constituem o cerne da ação individual. Elas representam o aspecto que faz com que o comportamento individual seja voltado para eventos futuros, e portanto, devem diferir entre os indivíduos, fazendo com que não seja possível concluir que haja uma tendência para a coordenação das ações individuais:

To say that the market gradually produces a consistency among plans is to say that the divergence of expectations, on which the initial incoherence of plans rests, will gradually be turned into convergence. But to reach this conclusion we must deny the autonomous character of expectations²⁸ (LACHMANN, 1976a, p. 129).

²⁷ Resenha do livro *The Market as an Economic Process*, Lachmann (1986).

²⁸ Alguns economistas se referem a esta ideia de que não é possível determinar o resultado do processo de mercado como o "problema de Lachmann", ver Lewin (2011, p. 6).

Para Lachmann o mundo é caleidoscópico²⁹. Aqui temos uma nova tendência dentro da tradição austríaca, que aborda de forma diferente o papel da incerteza e os seus efeitos sobre o processo de mercado. Lachmann desenvolve uma abordagem mais complexa da atividade empresarial. Vamos nos concentrar inicialmente em como os principais defensores dessa abordagem, Shackle e Lachmann, abordam o tempo e a incerteza em suas análises. Veremos ainda que a sua concepção de expectativas é mais profunda do que a de Kirzner, na medida em que nos permite entender que mesmo com expectativas baseadas em uma percepção errada da realidade, seja possível produzir uma situação em que as ações dos indivíduos sejam coordenadas. Além disso, a atividade empresarial não conduz necessariamente à coordenação dos planos dos diversos agentes no mercado.

Então, em uma segunda seção, veremos que essa concepção de atividade empresarial leva Lachmann a reconhecer a existência de diferentes tipos de empreendedores e de processos de mercado. A abordagem do processo de mercado apresentada por ele nos oferece uma análise mais completa e integrada das relações entre o capital, o empreendedor, as instituições, e a aquisição e transmissão de conhecimento.

4.2. O conhecimento e as expectativas na teoria do empreendedor

Esta primeira parte é uma oportunidade para recordar a relação de “fertilização cruzada” entre Lachmann e Shackle. Lachmann credits a Shackle boa parte da evolução de seu pensamento, principalmente no que se refere à definição de incerteza e a análise das expectativas. Veremos como a sua abordagem o leva a se opor à hipótese da tendência ao equilíbrio, proposta por Kirzner. Também serão abordadas as ligações estabelecidas por Lachmann entre a análise da atividade empresarial e a teoria do capital, que o levou a reconhecer a importância da relação entre as diferentes funções econômicas. Cada função com base em expectativas específicas, fazendo com que o resultado desse confronto de expectativas no mercado seja indeterminado.

²⁹ A imagem de um mundo caleidoscópico é emprestada de Shackle. Lachmann cita com aprovação a definição de Shackle (1994 [1976], p.224): “a kaleidic society interspersing its moments or intervals of order, assurance and beauty with sudden disintegration and a cascade into a new pattern”. Em outras palavras, esta expressão de sociedade caleidoscópica refere-se ao fato de que a sociedade está em constante movimento e pode mudar de direção a qualquer momento.

4.2.1. Expectativas e imaginação: a origem da ação empreendedora

A importância que a incerteza tem para Lachmann aparece muito cedo em seus escritos. Já em 1937, enquanto Hayek publicava seu "Economia e Conhecimento", Lachmann publicava "A incerteza e a preferência pela liquidez", onde ele critica o projeto da incerteza defendido por Rosenstein-Rodan e o conceito de preferência pela liquidez de Keynes.

Lachmann conhece George Shackle, em 1935, quando este entra para a London School of Economics. E desde o início mostram afinidades, o que gerou uma longa amizade até o fim de suas vidas. Mas de acordo com Mittermaier³⁰ (1992, p. 9), a influência de Shackle no pensamento de Lachmann se torna mais efetiva a partir de 1957, quando Shackle apresentou uma palestra intitulada *Time in Economics*³¹. Essa influência está longe de ser unilateral, pois como foi observado por Lewin (2000, p. 387), um ex-aluno de Lachmann, "o trabalho de Lachmann precede o de Shackle, embora suas contribuições tenham avançado muito próximas durante um longo período". Por causa das relações intelectuais e pessoais que esses dois autores mantiveram, parece essencial abordar as principais características do pensamento de Shackle que influenciaram Lachmann. Vamos nos concentrar particularmente nas ligações existentes entre os conceitos de imaginação, de criação e de escolha, que sustentam a abordagem do papel do empreendedor e do resultado das decisões empresariais, no pensamento de Lachmann.

4.2.1.1. O papel das expectativas

Segundo Lachmann (1977[1943], p. 68), com o propósito de agir, o indivíduo deve construir um "plano", com base nos recursos a sua disposição e os obstáculos que pode encontrar:

³⁰ Mittermaier foi colega de Lachmann no departamento de Economia da Universidade de Witwatersrand (África do Sul). Ele é o autor de uma pequena biografia publicada no *South African Journal of Economics*, no qual uma edição especial foi dedicada à obra de Lachmann, por ocasião da sua morte.

³¹ O que parece estranho, pois em Lachmann (1959) vemos uma discordância sobre a continuidade da ação decorrente da noção de tempo apresentada por Shackle, a qual levaria à negação da continuidade na ação humana: "But if we were to take Professor Shackle's thesis literally, there could be no testing the success of plans, no plan revision, no comparison between ex ante and ex post" (LACHMANN, 1977 [1959], p. 84).

When men act they carry in their minds an image of what they want to achieve. All human action can be regarded as the carrying out of projects that are designed to give effect to imagined ends (LACHMANN, 1971, p. 30).

No entanto, os indivíduos apresentam vários desejos e os meios para alcançá-los são limitados. De modo que a busca por um fim acaba excluindo a busca por outros fins, há um *trade-off*. Os agentes devem escolher seus propósitos e construir um plano. Cada plano, deve incluir "uma revisão abrangente dos recursos disponíveis e como eles poderiam ser usados" (LACHMANN, 1977[1943], p. 69).

A ação econômica não é baseada apenas em "dados", mas está, de acordo com Lachmann (1977[1943], p. 65), "sujeita a dúvidas e incertezas, vagas esperanças e medos desarticulados". Portanto, a decisão final depende da "prontidão mental (*mental alertness*), da capacidade do indivíduo em ler os sinais de um mundo em mudança, e da vontade de enfrentar o desconhecido". O indivíduo está em um ambiente incerto, pois ele tem um conhecimento limitado sobre as circunstâncias que se apresentam. A ação de qualquer indivíduo é baseada em um plano, isto é, "uma imagem mental" ou uma "interpretação" da realidade. Os meios, os fins e os obstáculos estão postos, eles constituem um limite à ação humana. A escolha não é arbitrária, mas é dirigida pelas restrições do plano.

Aqui encontramos bastante proximidade com as características que Shackle atribui para a decisão, apresentadas no capítulo anterior. A decisão é fruto da imaginação. Para eles, a questão central da economia é como as pessoas tomam as suas decisões.

Shackle argumenta que a escolha está intimamente relacionada com a incerteza. Para ele, "a decisão é, portanto, a escolha diante de uma incerteza limitada" (1966, p. 21). Pois, se o ambiente onde a escolha acontece fosse de incerteza (ou certeza) completa, a decisão seria inútil e desinteressante. Para ele, a concepção de incerteza limitada permite deixar espaço para a imaginação e a criação.

La decisión, tal como la entendemos, es creadora y puede serlo por la libertad que la incertidumbre da para la creación de hipótesis imprevisibles (Shackle, 1966, p. 22).

Escolher é um ato de imaginação, "a escolha entre os vários resultados possíveis ocorre na imaginação do assunto" e "todas as qualidades que estes resultados podem mostrar, a força e a atração que podem ter em sua [do decisor] mente, existem em virtude das qualidades e poderes imaginários" (1966, p. 23). No entanto, a imaginação não pode conduzir a decisão, na medida em que é limitada por aquilo que o indivíduo conhece, a situação que o rodeia. A imaginação se dá sempre na situação presente. O indivíduo imagina quais poderiam ser os resultados de uma ação e escolhe com base em "graus de possibilidade", que ele atribuiu a diferentes suposições imaginadas. O indivíduo pode classificar diferentes cenários, tantos quantos possíveis. Em outras palavras, quando um indivíduo toma uma decisão e opta em seguir qualquer uma dessas hipóteses, ele forma uma "expectativa". Por expectativa, Shackle refere-se a "uma tomada de conhecimento *ex ante* de uma situação ou evento imaginado". Assim, "toda a sua personalidade, sua experiência, sua educação e até mesmo a sua hereditariedade interferem", no estabelecimento de uma expectativa do que poderia ser o futuro (1966, p. 27). Essa expectativa é essencialmente subjetiva e pessoal.

4.2.1.2. Planos e expectativas: resultados indeterminados

Essas observações sobre a natureza imaginativa e criativa da ação humana fazem com que Lachmann deduza que o trabalho das ciências sociais é essencialmente interpretativo: "é preciso esclarecer o significado que os atos humanos têm para os seus respectivos agentes" (1986, p. 49). Além disso, toda atividade humana é uma "atividade de resolução de problemas". Logo, o principal papel do cientista social é "explicar fenômenos sociais observados, reduzindo-os a planos individuais (os seus elementos, as suas formas e seus propósitos)" (LACHMANN, 1971, p. 31).

Portanto, a ação dos homens e as suas escolhas dependem da sua interpretação do passado e da sua projeção do futuro. A concretização de um plano, ou seja, a satisfação da escolha final, pelo indivíduo, depende tanto das suas experiências passadas quanto das expectativas projetadas por ele. Lachmann segue Shackle (1966, p. 18), quando afirma que a decisão deve ser "inspirada", de modo

que o indivíduo só pode imaginar a partir de suas experiências passadas quais serão as consequências de um evento. Para Shackle, a decisão não é arbitrária, uma vez que é parcialmente baseada no passado e na experiência. No entanto, a decisão não pode ser obtida a partir de um cálculo de probabilidades, pois neste caso, o universo que o indivíduo iria encontrar seria um mundo de certezas. Para estabelecer probabilidades é necessário listar todos os possíveis resultados de uma ação, o que, como vimos no capítulo anterior, não é possível para Shackle.

Porém, Lachmann vai além de Shackle: ele se recusa a considerar que as expectativas dependem fundamentalmente da experiência passada (1986, p. 23). Ele defende que a mesma experiência em relação a um negócio ou um evento pode levar a expectativas significativamente diferentes em indivíduos diferentes:

A price rise, for instance, may lead to expectations either of a future fall, if the people in the market have some kind of "normal level" at the back of their minds, or of a future rise, if inflationary forces are suspected to be at work (LACHMANN, 1977[1943], p. 67).

Assim, diferentes indivíduos, que possuem a mesma informação, que seguiram os mesmos estudos, na mesma escola, com os mesmos professores, podem aplicar essa informação de forma diferente. Da mesma forma, homens que tiveram a mesma experiência podem chegar a conhecimentos diferentes. Numerosas inovações técnicas são frutos desse tipo de ação singular, porque só um inovador usa a informação que estava disponível a todos de forma diferente. Inovação e empreendedorismo são atos que contêm sempre um exercício de interpretação e criação. A interpretação é, portanto, o cerne da atividade empresarial, que é essencialmente subjetiva e não pode ser reproduzida de forma idêntica.

As expectativas são "o resultado de uma variedade de fatores, e apenas uma pequena porção desses fatores observados são de caráter econômico" (LACHMANN, 1977[1943], p. 67). Então, elas se baseiam na interpretação que os indivíduos dão às circunstâncias passadas. Para Lachmann (1956, p. 21), a formação de expectativas se dá com base no fato de que "há um elemento subjetivo nos atos da mente pela qual nós selecionamos as partes da nossa experiência que permitem afetar nosso julgamento sobre o futuro".

Portando, devemos diferenciar as expectativas em relação a um futuro "incognoscível, mas não inimaginável" (1994[1976], p. 230), da interpretação sobre os acontecimentos passados, "irrevogáveis, mas interpretáveis" (1986, p. 57).

Ao constatarem que seus planos não se concretizaram, e suas expectativas não se confirmaram, os agentes são levados a modificarem seus planos e formularem novas expectativas. Segundo Lachmann: "a experiência dos planos que apresentam incompatibilidade, pode encorajar os agentes a reverem os seus planos em direção a convergência". Porém, a revisão dos planos que devem levar ao surgimento de uma tendência ao equilíbrio, como assumida por Kirzner, é desafiada por três tipos de forças desestabilizadoras (1986, p. 56-57). Em primeiro lugar, a revisão dos planos dos indivíduos podem levá-los a diferentes expectativas, as pessoas podem interpretar de forma diferente o resultado obtido na comparação dos cursos da ação. Em seguida, o estabelecimento de uma coordenação dos planos requer que todos os indivíduos revejam seus planos na mesma direção. Logo, é necessário que as expectativas, baseadas na interpretação dos acontecimentos, convirjam. E, ainda pode ocorrer uma "mudança inesperada" que coloca em cheque mais uma vez o resultado do processo, fazendo com que novas revisões sejam necessárias (1986, p. 57).

Em um mundo incerto, o conhecimento sobre qual serão as interpretações dos indivíduos é falho. Uma vez que muitas mudanças ocorrem ao mesmo tempo, o mecanismo de transmissão de conhecimento através do sistema de preços já não pode fornecer todas as informações necessárias para a tomada de decisão. Mais do que isso, as pessoas não agem de acordo com as informações contidas nos preços, mas de acordo com a sua interpretação desses preços e sua expectativa em relação às mudanças.

...in a world of continuous change much may be gained by those 'speculators' who prefer to anticipate tomorrow's changes today rather than adjust themselves to those recorded in the latest message received (LACHMANN, 1956, p. 22).

As ações dos especuladores alteram os preços de mercado, e, portanto, as referências em que as pessoas baseiam suas expectativas, assim como os especuladores são confundidos com outros indivíduos, que estão recebendo essas

novas informações, e agindo a partir de como interpretam essas movimentações, muitas vezes desconhecendo as causas dessas variações de preços. Em um mundo em constante mudança, o sistema de preços não é um guia seguro para a ação: a informação é incompleta e apresenta um fluxo constante de mudanças. Logo, todas as informações obtidas no mercado devem ser interpretadas.

Este argumento confronta a visão de Hayek, de que os preços são o resumo de todas as informações necessárias para a tomada de decisão individual³². Lachmann mostra que a informação veiculada pelos preços pode ser interpretada incorretamente. Por exemplo, quando há aumento nos preços de mercado, um observador pode acreditar que esse é um simples aumento no preço de um determinado bem, mesmo ele sendo um aumento do nível geral de preços. Neste caso, o indivíduo irá atuar sem ter em conta o aumento do nível geral de preços, o que causará um efeito de distorção na informação transmitida no mercado. Além disso, Lachmann (1956, p. 29-34) explica que os preços são falhos em transmitir algumas informações que são úteis para a tomada de decisão, pois os indivíduos também levam em conta, na sua interpretação, fatores adicionais como o tamanho de estoques³³. Confrontadas com um aumento dos preços, as pessoas podem usar seus estoques, que têm o efeito de retardar o tempo em que elas vão realmente ser afetadas pelo aumento dos preços ou até mesmo permitir que os preços venham a baixar. Da mesma forma, com preços baseados nas expectativas dos indivíduos sobre o futuro, é possível que eles realmente não correspondam à estrutura do mercado. O que, por exemplo, pode gerar formação de bolhas especulativas, nos mercados financeiros. Novos conhecimentos podem ser obtidos durante o curso da ação, o que gera volatilidade nas expectativas, e faz com que os planos dos indivíduos possam ser alterados a qualquer momento, em qualquer direção.

³² O professor Barbieri me alertou que essa é a "interpretação stiglitiziana" do "problema do conhecimento" formulado por Hayek, e que tal interpretação é rejeitada pelos austríacos. Para Hayek, preços não são estatísticas suficientes, mas sinais que devem ser interpretados, que não obstante ajudam no processo de correção das expectativas errôneas. Stiglitz estaria no papel da "Mrs. Malaprop" (MACHLUP, 1978, p. 6), disseminando uma interpretação equivocada, seja por má-fé, ignorância ou "entropia da informação", e poluindo a teoria econômica. Para uma abordagem mais detalhada, ver Barbieri (2014b). Para os propósitos deste trabalho, basta ter em mente que Lachmann era menos otimista que Hayek, em relação ao sistema de preços como um guia confiável para sinalizar as ações dos indivíduos.

³³ Ver Lachmann (1994[1936], p. 23-28).

Neste sentido, a formação das expectativas é nada mais do que "uma fase do processo contínuo de troca e transmissão de conhecimento" (LACHMANN, 1956, p. 23). Ou seja, o processo de formação das expectativas pertence a um processo mais amplo de aquisição de conhecimento. Quando as expectativas se mostram erradas, os agentes reformulam os seus planos e adquirem novos conhecimentos sobre os seus erros do passado, permitindo-lhes construir as novas bases para as suas expectativas futuras. Aqui encontramos uma crítica ao processo de aprendizagem descrito por Kirzner³⁴ (que ele chama de "*spontaneous learning process*"), uma vez que Lachmann admite que o resultado não é necessariamente a coordenação das ações individuais.

O processo de formação das expectativas é descrito por Lachmann (1956, p. 23-24) como compreendendo duas fases. Inicialmente, os indivíduos estabelecem "o diagnóstico da situação", em que estão inseridos. Então, eles determinam quais são as "maiores e menores forças" em jogo, e se baseiam unicamente nas "forças maiores" para estabelecerem as suas expectativas. A formação de expectativas é, portanto, baseada em uma interpretação ou um "julgamento", que aborda a questão de quais são as principais forças em jogo, em uma determinada situação. Então, uma vez que essas expectativas já estão estabelecidas, elas são testadas quando a ação é executada, e os resultados esperados (*ex ante*) são comparados com os resultados obtidos (*ex post*). Mais uma vez, este é um julgamento baseado na interpretação desses resultados, e erros podem acontecer. Os indivíduos podem ter obtido resultados consistentes com suas expectativas, mesmo quando elas não forem confirmadas. Neste caso, o sucesso das expectativas dos indivíduos são vistas como um acaso, e o conhecimento verificado que se obtém dessas expectativas é errôneo. Além disso, Lachmann (1956, p. 24) afirma que podemos concluir que "as expectativas são, portanto, as fases de um processo sem fim, um processo através do qual os homens adquirem conhecimento". É neste sentido que os preços podem não transmitir as informações necessárias para a tomada de decisão.

Lachmann pergunta se é possível tratar as expectativas como um problema de probabilidade. Isso implicaria que o empreendedor poderia atribuir a cada evento futuro uma certa probabilidade de ocorrência. Ele baseia seu argumento no trabalho

³⁴ Ver Kirzner (1992, p. 201).

de Shackle, para mostrar que a construção de uma escala de probabilidade não é possível, pois as pessoas não possuem, de fato, todas as informações necessárias sobre os possíveis resultados da sua ação (1956, p. 25-27). Para Shackle, a incerteza não pode ser reduzida a um conhecimento estatístico, uma vez que em uma multiplicidade de casos, o indivíduo não tem disponível um número suficiente de fatos comparáveis, pessoais ou externos, que lhe permitem constituir uma tabela de frequência válida para as consequências dos atos que ele imagina" (1966, p. 125). Porém, existem atos para os quais o estabelecimento de uma escala de probabilidade é viável, mas eles não se aplicam a situações de incerteza.

Lachmann considera que é impossível listar todas as situações que podem ocorrer com antecipação.

The number of possible business decisions is almost certainly smaller than the number of such possible situations, precisely because in an uncertain world each decision may have one of several results (LACHMANN, 1956, p. 27).

Se esse fosse o caso, seria necessário supor que os indivíduos têm todas as informações necessárias para fazer tais previsões perfeitas, o que ele rejeita. Para Lachmann, todo o conhecimento é baseado em uma interpretação, não é possível reunir todas as informações necessárias para construir uma escala de probabilidade. Cada agente, para decidir e agir, precisaria saber dos planos de outros indivíduos com os quais interage. Logo, a expectativa de cada indivíduo leva em conta as expectativas sobre como as outras pessoas vão antecipar o futuro. Diferentes indivíduos não podem alcançar as mesmas expectativas, exceto em casos muito raros; segue-se, então, que há uma boa chance de que as expectativas de boa parte dos indivíduos estejam erradas. Na verdade, o indivíduo pode errar tanto na sua avaliação dos dados, como também na percepção para os obstáculos imprevistos.

Veremos na próxima seção que para Lachmann, a representação do processo de mercado e o papel do empreendedor seguem como uma parte da sua teoria do capital.

4.3. Processo de mercado e a estrutura de capital: o papel do empreendedor

O projeto lachmaniano acerca da incerteza e da análise das expectativas, apresentado anteriormente, está baseado na atividade empresarial, que, para Lachmann, desempenha um papel essencial na teoria do capital. A atividade empresarial é descrita como especulativa, ou seja, como algo que tenta antecipar quais podem ser as potenciais mudanças, para organizar o plano de produção de acordo com essas expectativas. Lachmann distingue a atividade empresarial em duas categorias, de acordo com suas funções: o capitalista e o diretor (ou gerente).

4.3.1. Empreendedorismo e a teoria do capital

A atividade econômica se dá no tempo, e deve ser considerada como um processo. Muitas coisas podem acontecer durante este processo. Mudanças inesperadas podem ocorrer, criando novas oportunidades para os agentes econômicos. Segue-se, de acordo com Lachmann (1956, p. 3), que "em todos os momentos, algum capital não está sendo utilizado para os fins que originalmente foi pensado". No entanto, o capital não é, ou só em casos muito específicos, usado isoladamente. Os ativos são usados em conjunto e de forma complementar. Porém, nem todas as combinações são tecnicamente viáveis. O primeiro papel do empreendedor é escolher entre as várias combinações produtivas aquela que lhe permitirá alcançar o seu plano de produção. A escolha das combinações produtivas, embora muitas vezes considerada como dada, é uma atividade essencial para o empreendedor lachmaniano. Lachmann enfatizou que o empreendedor "deve gastar muito tempo e esforço para definir quais são as melhores combinações produtivas". Neste sentido, uma vez que cada decisão é baseada em uma interpretação, toda combinação produtiva é baseada em uma expectativa do resultado que esta combinação pode gerar. Logo, a atividade do empreendedor de selecionar uma combinação de produção é especulativa.

Mesmo quando o empresário consegue escolher rapidamente, as circunstâncias de mudanças contínuas os obrigam a rever, de forma recorrente, o seu

plano de produção e, especialmente, as suas escolhas de combinação produtiva. Lachmann (1956, p. 4), substitui o conceito de “estoque de capital” para o de “estrutura de capital³⁵”. Este conceito o permite abandonar a definição quantitativa do capital e se concentrar no fato de que o valor do capital é uma questão de interpretação, ou seja, de especulação. A estrutura de capital é composta por uma variedade de elementos produtivos ordenados de acordo com os fins que o empresário designa para eles. A estrutura de capital observada corresponde à ordem que emerge do confronto dos planos de produção dos vários empresários, e também do confronto desses planos com os dos consumidores.

The market compels the readjustment of those production plans which are inconsistent with either consumers' plans or other production plans. From the push and pull of market forces there emerges finally a network of plans which determines the pattern of capital use (LACHMANN, 1956, p. 10).

Lachmann (1956, p. 14) recusa-se a considerar que a atividade do empreendedor possa ser determinada pela experiência passada (previsível), pois, para ele, determinismo é contrário à "experiência cotidiana". A função do empreendedor refere-se à construção de um plano de produção e da escolha das combinações produtivas que se baseiam em expectativas e no "diagnóstico da situação" em que a ação deve ser tomada.

The entrepreneurial interpretation of past experience finds its most interesting manifestation in the formation of expectations. Expectations, i.e. those acts of the entrepreneurial mind which constitute his 'world', diagnose 'the situation' in which action has to be taken, and logically precede the making of plans, are of crucial importance for process analysis (LACHMANN, 1956, p. 15).

Por conseguinte, a análise do processo de mudanças inesperadas é integrada e "pressupõe o estudo das expectativas empresariais". Estas expectativas, dependem de muitos fatores, portanto, o resultado da atividade empresarial não pode ser previsto com certeza. Não é possível considerar que exista uma tendência para a coordenação das ações de indivíduos. O resultado da confrontação dos vários planos de ação depende das circunstâncias em que esse processo ocorre.

³⁵ Para uma descrição detalhada desse desenvolvimento, ver Barbieri (2001, p. 39-49).

4.3.2. Empreendedor, o capitalista e o diretor: as diferentes funções econômicas

Acabamos de perceber que a função do empreendedor está intimamente ligada à utilização de capital. Segundo Lachmann (1956, p. 17), o empreendedor tem uma "grande responsabilidade" em relação aos donos do capital, devido à importância da sua escolha de combinações de produção. Apesar de terem "delegado o poder de especificação para o empreendedor", os capitalistas são portadores de incerteza em um sentido que os trabalhadores não são (1956, p. 16-17). Por isso, é necessário considerar a relação entre a função empresarial e a função do capitalista. Com esse propósito, Lachmann distingue o que chama de diretor-empresendedor do capitalista-empresendedor, e analisa as relações que podem existir entre eles. De acordo com Lachmann (1956, p. 91), essa distinção é necessária porque a empresa familiar, que no passado era generalizada, deu lugar a uma nova estrutura, da empresa moderna. Com base no trabalho de Lenin e Hilferding, Lachmann (1994[1944], p. 106) refere-se ao conceito de "capitalismo financeiro", que ele define como um:

... type of economic development which is characterized by the shifting of the entrepreneurial function into the hands of 'financiers', investment bankers, i.e. intermediaries of the capital market, specialists in directing capital flows (LACHMANN, 1994[1944], p. 106).

Os capitalistas financeiros têm se apropriado da função empresarial, na medida em que controlam a atividade empresarial. Pois decidem sobre a orientação da empresa, e o empresário-capitalista executa a função que define esta decisão, na atividade empresarial.

Lachmann define três tipos de estruturas que as empresas podem apresentar: "estrutura do plano", com base na complementaridade técnica; "estrutura de controle", com base no fato de a velocidade do capital da firma ser alta ou baixa; e "estrutura de portfólio", com base nas preferências, em termos de ativos (1956, p. 91). Cada estrutura depende das decisões, portanto, das expectativas, e dos conhecimentos desenvolvidos por ela e por outras firmas.

Lachmann indaga sobre o que acontece quando há uma mudança inesperada no processo de produção. Ele pensa em cenários onde há um lucro maior, ou menor,

em comparação com o que era esperado pelo empreendedor, durante a construção do plano de produção. Em ambos os casos, segue-se uma mudança na utilização do dinheiro por parte da firma (1956, p. 93). No caso de lucros maiores do que o esperado, a redistribuição de lucros adicionais pode ser feita aos acionistas na forma de dividendos adicionais, o que pode alterar o valor e composição de suas carteiras (1956, p. 93). Estes lucros adicionais também podem ser reinvestidos na empresa, sob a forma de um aumento de capital, ou até mesmo serem usados para extinguir uma dívida.

No entanto, este não é o caso quando a empresa obtém lucros mais baixos do que o previsto no plano de produção. Nesse caso, a empresa deve recorrer às suas reservas. No caso de não ter como suprir o aumento da demanda por dinheiro, a empresa, mais cedo ou mais tarde, terá que realizar uma alteração na sua estrutura de controle. Diante de maus resultados, algumas ações devem ser postas em prática, como uma troca na equipe de direção ou mesmo a liquidação da sociedade (1956, p. 94).

A vantagem dessa representação da empresa é que ela nos permite compreender que todas as esferas da atividade econômica estão intimamente relacionadas.

Capital gains and losses are not the direct result of money flows, though, as in the case of higher dividends, they may be an indirect result. Essentially they reflect in one sphere events, or the expectation of events, the occurrence of which in another sphere is indicated, and knowledge of which is transmitted, by changes in money flows (LACHMANN, 1956, p. 95).

Para Lachmann, a especulação financeira tem um impacto direto sobre outras esferas da atividade econômica. Lachmann, ao contrário de Kirzner, considerou que a especulação financeira não é necessariamente uma atividade coordenadora, por vezes, podendo ser um obstáculo para o desenvolvimento da atividade produtiva. Lachmann (1956, p. 97) observa que a consolidação dos ativos financeiros e das várias companhias de participações cruzadas resulta do fracasso de planos anteriores das empresas ou são o resultado de uma disposição para expandi-las, portanto, envolve novas combinações ou uma reorganização das atividades produtivas. A

atividade empresarial tem uma influência decisiva sobre outras esferas, ou outras "estruturas", como ele chama.

...a 'crisis', i.e. a plan failure in large sectors of the economy, cannot as a rule be confined to reshuffling of first-line assets and replenishing cash balances. Whole concerns and, perhaps, industries may have to be regrouped and reorganized. The challenge of widespread failure to true entrepreneurship can rarely be met by making minor adjustments (LACHMANN, 1956, p. 97).

Lachmann (1956, p. 97) se recusa a considerar os acionistas como meros rentistas passivos, que deixam aos administradores da empresa o papel mais ativo e são incapazes de influenciar os acontecimentos. Pelo contrário, "o gerente e o proprietário do capital estão ativos cada um em sua própria esfera", mas suas esferas de ação estão interligadas em virtude de uma orientação mútua, no que se refere à direção a ser tomada pela empresa (1956, p. 98).

O gerente administra e reúne "os ativos operacionais". Estes incluem a primeira linha de ativos, a segunda linha de ativos, ou seja, os fluxos de caixa, como o pagamento de salários ou a compra de peças de reposição que veem em um momento definido pelo plano de produção e, finalmente, os ativos de reserva, que "correspondem às reservas de caixa e estoques da empresa" (1956, p. 90). O volume de capital disponível é um dado para o diretor. Enquanto isso, os acionistas possuem os ativos financeiro, ou seja, os títulos que permitem a eles terem o controle da empresa. As decisões dos acionistas são influenciadas pelos resultados da administração, que, por sua vez influenciam a ação deste último. Lachmann observou que os acionistas muitas vezes não se opõem aos diretores nas assembleias gerais. Mas a razão para isso é que eles possuem outros meios de ação contra a administração e seus resultados, ou seja, eles podem vender as suas ações.

Lachmann reconhece que, em um mundo onde a existência de participações cruzadas entre empresas é a regra, muitas vezes é difícil traçar uma linha reta entre as atividades de capital e as atividades empresariais. Ele observa que:

As long as the family firm and the private partnership were the preponderant forms of business organization the location of the entrepreneurial function was no problem. There were occasionally 'sleeping' partners, it is true, but as a rule it was not difficult to identify those who were wide awake. But with the growth of joint-stock

enterprise the question 'Who is the entrepreneur?' became a pertinent one (LACHMANN, 1994[1944], p. 106).

Para ele, os três tipos de atividades apresentadas – de gestão, do acionista e do capitalista financeiro – não são mutuamente exclusivas. Em vez disso, tanto o gerente que coordena o plano de produção quanto o acionista que cuida do planejamento da carteira de investimentos exercem uma função empresarial. Para evitar uma confusão semântica, ele define que é melhor falar em "capitalista-empREENDEDOR" e "diretor-empREENDEDOR", tendo em mente que a ação do segundo é secundária à ação do primeiro (1956, p. 99). Por último, porque é mais complexo, dada a relação entre esfera financeira e esfera industrial das empresas, não devemos usar generalizações. Neste sentido, o capitalismo financeiro não deve ser considerado como um período especial da história econômica, mas como uma característica da maneira como as empresas modernas reagem aos problemas que surgem (1994[1944], p. 112).

4.4. Os empreendedores em ação e a variedade dos processos de mercado

A função empresarial está intimamente ligada às outras funções econômicas. Lachmann classifica o empreendedor em três tipos: o especulador, o arbitrador e o inovador. Como veremos, Lachmann menciona, mais de uma vez, a possibilidade de que essas atividades apresentem características opostas, fazendo com que o resultado do processo de mercado dependa fortemente de quais tipos de atividade empresarial estejam em questão. Lachmann mostra que existem vários tipos de processo de mercado, os quais coexistem com vários tipos de empreendedores.

4.4.1. A pluralidade dos processos de mercado e dos empreendedores

Kirzner³⁶, na tradição iniciada por Mises e Hayek, enfoca a singularidade do mercado e o seu papel coordenador na interação entre os indivíduos. Já Lachmann enfatiza a pluralidade dos mercados e dos agentes envolvidos nesse processo. A diversidade de firmas e de agentes econômicos o levou a reconhecer a pluralidade dos processos de mercado. E uma vez que ele abandona a ideia de uma tendência em direção ao equilíbrio e que o processo não está mais relacionado a descobrir diferenças nos preços por si só, "abrem-se novas perspectivas sobre o mundo dos mercados reais" (1986, p. 125). De acordo com o processo de mercado proposto, com diferentes tipos de empreendedores envolvidos, o resultado do processo de mercado depende de qual tipo de empreendedores estejam envolvidos na situação analisada. A tendência em direção ao equilíbrio não é sistemática, uma vez que se reconhece a existência de indivíduos cujas ações são desestabilizadoras, visto que eles podem facilitar ou dificultar a ação de outros indivíduos. Dependendo das circunstâncias e das instituições consideradas, os resultados dos processos de mercado podem ser bem diferentes.

4.4.2. Os diferentes tipos de empreendedores

Vimos que, para Lachmann, os indivíduos estabelecem planos de ação com base no conhecimento que eles possuem do seu entorno. A interação entre os diferentes participantes do mercado pode ser descrita como a interação de planos diferentes. Por conseguinte, o resultado desta confrontação não pode ser determinado. Há uma "rica variedade de circunstâncias que podem se formar com o processo de mercado" (1986, p. 5). Contra os economistas que alegam a existência de uma tendência para a convergência dos vários planos de ação, Lachmann (1986, p. 113) destaca "a variedade das ações humanas". Com isso, tem a intenção de

³⁶ "Israel Kirzner's theory of the market process can best be summed up as: Misesian entrepreneurs solve Hayekian knowledge problems" (MARTIN, 2009, p. 50).

restaurar o verdadeiro significado do termo "escolha", que não é uma seleção simples, mas um ato de criação. Por isso, ele diz:

If we want to be able to disentangle the complex skein of interaction between equilibrating and disequilibrating forces, no longer taking for granted the invariable supremacy of the former, we need a classification of types of entrepreneurs of such a kind that relevant distinctions here are reflected in different modes of interaction there (LACHMANN, 1986, p. 125).

Lachmann (1986, p. 125-127) distingue três tipos de empreendedores cada um com modos diferentes de executar a interação: o arbitrador, o inovador e o especulador.

O arbitrador busca fazer lucro através da exploração de diferenças de preços ou entre preços e custos, em um determinado momento. Sua ação permite equilibrar oferta e demanda (estático). O inovador espera obter lucro das diferenças intertemporais de preços que suas ações podem produzir. E o especulador, procura explorar as diferenças de preços intertemporais em que a sua ação não tem qualquer influência. Lachmann separa os especuladores e os inovadores, que baseiam suas ações e decisões em expectativas, dos arbitradores, que agem de acordo com as informações passadas. A ação dos especuladores e inovadores depende do futuro, ao contrário dos arbitradores, que se voltam para o passado. No entanto, parece estranho, tendo em conta a formulação de escolha humana feita por ele, que o arbitrador se baseie unicamente sobre o passado ao agir, a não ser que possamos considerar que não há ação. Pois, para ele, cada ação se baseia numa representação do futuro, parecendo que o arbitrador também deve se basear em alguma expectativa. Portanto, se queremos preservar a definição de Lachmann em oposição às outras duas, é preciso considerar que os arbitradores assumem uma situação em que não ocorrem mudanças significativas no futuro, ou em um nível maior de abstração, que as ações dos arbitradores são instantâneas na exploração das diferenças de preços.

O arbitrador é definido por Lachmann (1986, p. 126) como "um agente de equilíbrio". Mas se o arbitrador faz a suposição de que o futuro será como o presente, não há nenhuma evidência de que outras pessoas terão a mesma expectativa. Nada garante que o resultado de sua ação seja bem-sucedido.

O equilíbrio é definido, segundo Lachmann, como uma situação em que as ações dos vários agentes, e logo também suas expectativas, são coordenadas. Essa

é a única chance em que podemos encontrar uma situação de equilíbrio. Parece que só o conhecimento perfeito por parte dos indivíduos, ou o puro acaso, podem produzir uma situação em que as ações dos indivíduos sejam perfeitamente coordenadas.

O segundo tipo de empreendedor, o inovador, tem uma ação totalmente criativa, ele gera novidades no mercado, perturba o antigo esquema de produção, ou seja, desestabiliza ainda mais a ação dos outros agentes, perturbando as suas previsões e seus planos. Lachmann explica que a ação do inovador "é pressionada pela interação entre os empreendedores da primeira e da terceira categoria", pela interação destes inovadores, então, com arbitradores e especuladores. Arbitradores exploram diferenças de preços resultantes da introdução de uma inovação. Na verdade, eles procuram imitar os inovadores e, ao entrarem na mesma atividade, aumentam a concorrência e ajudam a reduzir o lucro obtido pelos inovadores. Aqui, encontramos a ideia de Schumpeter, onde os "empreendedores inovadores" são seguidos por "empreendedores imitadores".

A interação entre inovadores e especuladores é mais complexa. O interesse na relação entre inovação e especulação fez com que Lachmann indagasse: "o que acontece se cada inovador for cercado por um enxame de especuladores que tentam antecipar o resultado de sua ação?" Não existe uma resposta simples para essa pergunta, uma vez que o resultado "depende da forma em que a atividade especulativa está envolvida", como ele observa (LACHMANN, 1986, p. 126).

Este fato reconhece que a ação dos especuladores pode entrar em conflito com a dos inovadores. A ação do especulador em alguns casos é estabilizadora, em outros desestabilizadora³⁷, dependendo das circunstâncias. Em última análise, o resultado da especulação depende de se ela é ou não imitada por outros especuladores e, mais amplamente, como ela afeta os outros participantes do mercado. Lachmann explica:

In general, where speculators are willing to hold variable stocks of what the innovator produces as output or requires as input, they may make it easier for him as long as they stand ready to absorb or discharge differences between output flow and flow demand for it, or flow supply of input and the demand for it (1986, p. 126).

³⁷ Aqui, Lachmann (1986, p. 137-138) faz uma referência a Kaldor (1939), ao falar em especulação estabilizadora ou desestabilizadora.

Portanto, o resultado da especulação depende de como os especuladores utilizam as suas reservas. Se eles acumulam, e dispõem delas, quando os inovadores necessitam, suas ações são complementares. A especulação, neste caso é equilibrante. Porém, os especuladores podem trazer um efeito perturbador para a atividade dos inovadores, ao especularem sobre o aumento dos preços das *commodities*, por exemplo, e inflarem artificialmente o preço das matérias-primas necessárias pelos inovadores. Nesses casos, a ação dos especuladores é de desequilíbrio.

Lachmann esteve particularmente interessado no funcionamento dos mercados especulativos, ao longo de sua carreira. Foi fortemente influenciado pela análise keynesiana e pelo trabalho de Kaldor, a quem muitas vezes ele se refere. Ele também coloca ênfase na instabilidade dos mercados especulativos, onde um agente pode ser comprador em um momento e, no instante seguinte passar a vendedor.

In such markets every transaction is a departure for the unknown, but buyers and sellers depart in different directions. The future is unknowable — though not unimaginable. Images of it take the shape of expectations. Different men hold different expectations because human minds differ. At any moment the market is thus divided not merely into bulls and bears, but also into those of mild and fierce variety (LACHMANN, 1994[1988], p. 265).

Como podemos observar, a análise de Lachmann sobre os tipos de empreendedores é mais variada e complexa do que a de Kirzner. Lachmann mostra que as diferentes formas da atividade empresarial podem colidir, se complementar ou se neutralizar. O resultado desse confronto não pode ser determinado *a priori* ao contrário do que Kirzner supõe. Lachmann também faz uma análise diferente ao focar a pluralidade dos processos de mercado, o que será tratado na próxima seção.

4.4.3. Os processos de mercado

A teoria do processo de mercado desenvolvida por Lachmann, assim como sua abordagem plural da atividade empresarial, enfatiza a diversidade dos mercados. Para ele, "é geralmente mais sensato falar de mercados ao invés do mercado" (1986, p.

122), e o resultado do processo empresarial depende das diferentes formas em questão. Ele distingue três tipos de processos de mercado: o "processo intramercado", o "processo intermercado" e os "processos macroeconômicos" (1986, p. 6-14).

O processo intramercado refere-se a uma definição bastante tradicional da economia de mercado, ou seja, "uma complexa relação entre consumidores e produtores, compradores e vendedores, devedores e credores, etc." (1986, p. 6). E, para ele, a economia está ficando mais complexa. As distâncias, tanto física quanto temporais, que separam as partes envolvidas nessas relações, está aumentando. As relações diretas estão evoluindo para um cenário com vários intermediários, cada qual especializado em determinados produtos ou tipos de atividades.

The relationship between the two market parties may be one of close proximity, so that they can negotiate directly, as in a country fair, in Böhm-Bawerk's horse market, or in those local produce markets in which farmers bring their produce to town once a week and housewives buy from them (LACHMANN, 1986, p. 6).

Nesse mercado há coordenação, entre as duas partes, e o excedente passa para um tipo intermediário: o "comerciante marshalliano", cuja função é explorar e eliminar as diferenças de preço entre as diferentes partes do mercado. Se esses preços não estão estabelecidos, o comerciante entra em ação e corrige essas diferenças entre os mercados.

With the full participation of merchants, then, and in the conditions postulated in Marshall's Book V, a market process converging on an equilibrium position may emerge (LACHMANN, 1986, p. 7).

Essa concepção de comerciante está longe de ser a adotada por Lachmann, talvez, como ele menciona, no "mundo vitoriano" fosse algo plausível. O propósito de Lachmann, ao introduzir os processos intramercado, é mostrar como este tipo de intermediação direta no mercado permite uma maior flexibilidade nos preços e como o seu desaparecimento, que pode ser resultado de uma evolução no mercado, pode criar uma maior rigidez dos preços.

Ele diferencia, o comerciante (*merchant*) do vendedor (*salesman*). O comerciante compra e vende, ele tem que manter e controlar um estoque. O vendedor

tem uma tarefa muito mais estreita, por definição, ele tem lugar no final do processo de produção, a sua função é vender. O comerciante é uma firma, faz planos de como movimentar o seu estoque de forma mais rentável. Já o vendedor é parte de uma firma.

He [*salesman*] is a member of a hierarchy, of an organization, typically the modern industrial firm in which largescale production takes place in accordance with complex long-run plans for production flows (1986, p. 135).

Cada membro da hierarquia tem uma função e a do vendedor não é a de fixar preços. A oferta é ajustada diretamente pela demanda, não através do preço, mas pelas quantidades.

O comerciante, como definido por Lachmann (1986, p. 132-136), é em alguns momentos "tomador de preço", em outros, "fixador de preço". Ele deve comprar antes de vender. O tamanho do seu estoque e do seu capital de giro é importante. Estes exercem as únicas restrições sobre suas decisões. A atividade comercial é diferente da gestão do estoque de produtos agrícolas, entre a época de colheita e a época da venda dos produtos agrícolas que são demandados pelos consumidores (1986, p. 135).

É interessante lembrar a descrição da atividade do comerciante feita por Lachmann, em 1956, em seu livro "O Capital e a sua Estrutura". Ele diz que o papel do comerciante pertence ao processo de transmissão de conhecimento.

Historically speaking, the most important cause of price rigidity has been the decline of the wholesale merchant... [he] was an ideal vehicle for the transmission of knowledge, since, unlike the consumer who spends his income on a large variety of goods and services and cannot afford to acquire expert information on each... [he] was a 'middleman' whose economic function was not so much to 'distribute goods' as to collect and impart information and to fix such prices as would maximize his turnover. And such prices evidently had to be flexible! (LACHMANN, 1956, p. 64).

Assim, Lachmann (1986, p. 7), considera que a história econômica é marcada por uma "tendência para a eliminação desse tipo de intermediário". Esta tendência se desenvolve de modo que algumas funções exercidas pelo comerciante são assumidas por outros agentes e a presença do primeiro passa a ser desnecessária. Lachmann,

porém, afirma que sem esses comerciantes, algumas de suas funções podem não ser exercidas por outros agentes e serem abandonadas, o que desafia a tendência ao equilíbrio descrito por Marshall.

There can be little doubt that in modern industrial society price inflexibility is a prominent phenomenon, and that it is likely to be on the increase... Inflexible prices characterize a market situation in which the transmission of knowledge from buyers to sellers and vice versa is at least temporarily impeded (LACHMANN, 1956, p. 63-64).

Os processos intermercado, por sua vez, são caracterizados por procedimentos de arbitragem similar aos que ocorrem no mercado, só que, como o nome indica, trata-se dessas relações entre mercados. Ele aborda os efeitos de transbordamento (*spill over*) que um mercado exerce sobre outros mercados. Por exemplo, o excesso de oferta em um mercado pode ajudar a preencher o excesso de demanda em outro mercado. Numa primeira análise, vemos uma tendência de convergência entre os mercados. Porém, para Lachmann, o resultado deste processo é indeterminado, por causa da variedade dos mercados e das suas interconexões.

...it is hard to see why, in a world in which thousands of markets are connected by links however tenuous, inter-market processes should be thought necessarily to converge on positions of equilibrium (1986, p. 9).

Ele destaca o caso dos “mercados futuros”, o “exemplo mais interessante dos processos intermercado”. Os especuladores atuam nesse mercado e se diferenciam dos arbitadores “*hedgers*”.

In such markets there are two classes of agents whose economic functions are clearly discernable and distinguishable, commonly described as ‘hedgers’ and speculators. The former wish to ‘cover’ a position they for other reasons have to take up, for example to protect stock they hold against depreciation through fall in price, or to ascertain their ability to buy future input into production processes under their control. Speculators, however, enter the market to gain from intertemporal price changes they expect. A market consisting entirely of hedgers on both sides, as buyers and sellers, is not inconceivable, but experience shows such cases to be rare. In general, intertemporal

markets cannot exist without speculators willing to bear uncertainty where hedgers wish to be relieved of it, or pitting their expectations against those of other speculators (LACHMANN, 1986, p. 10).

A característica deste tipo de mercado é que a sua evolução depende do movimento das expectativas, "em tais mercados, cada transação é uma partida para o desconhecido" (LACHMANN, 1994, p. 272). É certo que o mercado pode estabelecer uma coordenação das expectativas. Mas já vimos, anteriormente, que essa ideia de que a atividade especulativa pode ser equilibrante é difícil de ser sustentada. Muitos fatores entram em consideração, como o volume dos estoques especulativos ou o peso das atividades especulativas em relação a todas as transações. Então, Lachmann é levado a admitir que a atividade especulativa pode ser tanto desestabilizadora quanto estabilizadora.

Ele salienta ainda que, no caso dos mercados especulativos, os processos intermercado são caracterizados não só pela incerteza, mas também pelo erro. Mudanças inesperadas podem afetar a qualquer momento a tendência de equilíbrio. Assim, as oportunidades de lucro podem não ser aproveitadas, embora os meios para explorá-las estejam disponíveis.

Ao tratar dos inovadores, ele destaca a natureza desestabilizadora da inovação, o que acarretará em uma indeterminação, nos resultados dos processos intermercado (LACHMANN, 1986, p. 15-18). Ele descreve esse processo como sendo sucedido por duas fases: a fase da inovação e a fase da imitação (LACHMANN, 1986, p. 15).

A primeira fase se refere à introdução de uma inovação. Para simplificação, vejamos o exemplo da introdução de um novo produto. A introdução de uma inovação permite ao empreendedor, na medida em que tenha demanda para o produto em questão, obter lucro, porém, este é temporário. A segunda fase é caracterizada pela entrada de novos empreendedores, nesse mercado, oferecendo produtos diferentes. Lachmann (1986, p. 15) observa que "a concorrência leva à diferenciação do produto". Ele considera que após a fase de inovação, vem a fase de imitação, na qual os produtores imitadores tentam copiar o inovador, fazendo com que os lucros sejam reduzidos – e a tendência é que eles desapareçam. Para romper com esta situação, os inovadores não têm outra escolha a não ser continuar seus esforços para diferenciar os seus produtos, e seguir inovando. O resultado desse processo de mercado é indeterminado.

Assim, Lachmann opõe-se a Kirzner, que concebe a atividade inovadora gerando uma tendência à coordenação das diversas atividades. Para Lachmann, muitos fatores podem retardar o processo de ajuste descrito por Kirzner. Entre esses, ele destaca o fato de que o capital não é perfeitamente flexível (LACHMANN, 1986, p. 17). E ressalta que o processo de realocação de capital leva tempo, atrasando assim a obtenção de um novo ajuste, o que aumenta ainda mais a incerteza em relação à efetivação deste novo ajuste. Na verdade, muitos acontecimentos inesperados podem ocorrer, durante este período. As expectativas dos agentes podem ter mudado, até mesmo podendo tornar inútil o novo ajuste. Portanto, o resultado do processo é fundamentalmente indefinido.

O processo macroeconômico é um processo intermercado em movimento perpétuo, que se caracteriza pela "contínua reorientação dos homens para novas oportunidades rentáveis, ou para a perda de tais oportunidades, que só ontem estavam dentro de seu alcance, e sobre a necessidade de formulá-las em seu plano de gastos" (1986, p. 12). O processo multiplicador, a expansão ou a contração da atividade econômica, consiste em uma série desses fenômenos. Que estão baseados no processo de evolução das expectativas dos agentes e tendem ao desequilíbrio, devido à incerteza e à possibilidade de erros. Lachmann rejeita todas as suas alegadas virtudes. O processo multiplicador relaciona maiores receitas com base no pressuposto de que os estoques permanecem constantes.

If merchants hold surplus stocks, that is, stocks regarded to be excessive relative to 'normal' size, they will surely make use of this opportunity to run them down. If, on the other hand, they regard the size of their stocks as 'subnormal', they will raise their prices rather than increase real sales. In the former case the multiplier process comes to an abrupt end, in the latter case the process continues as one of expansion of money incomes but not of real output and employment. The same applies, in reverse, to a multiplier process of contraction. The multiplier model we find in most textbooks mentions neither possibility (LACHMANN, 1986, p. 13).

Processos macroeconômicos³⁸ são mais complexos do que aparentam os modelos econométricos geralmente utilizados para representá-los. Além disso, eles

³⁸ Para uma visão crítica, mais ampla, dos desenvolvimentos da macroeconomia no pós II Guerra Mundial, ver Lachmann (1973).

não são capazes de prever com certeza, e nem mesmo com uma alta probabilidade, o que de fato irá acontecer.

Devemos distinguir não só os diferentes tipos de mercados, mas os vários tipos de agentes: os inovadores, os especuladores, os "tomadores de preço" ou "fixadores de preços". Não é mais possível considerar que o resultado do processo de mercado seja pré-determinado. Cada mercado se caracteriza pelo tipo de agentes que o compõem. Então, mais do que estar interessado em explicar o que é o mercado, seria estar interessado nos "mercados" e nos agentes que atuam nele. É exatamente neste sentido que Lachmann nos oferece um quadro mais contrastante e complexo do que o proposto por Kirzner.

4.5. Hermenêutica, processo de mercado e os fenômenos econômicos

A definição da economia como uma disciplina hermenêutica permitiria o foco na pluralidade dos fenômenos observados. Hermenêutica consiste em compreender-interpretar quais são os significados e causas que as pessoas atribuem aos fenômenos econômicos em que estão envolvidas. Quanto às instituições, um tópico essencial para ele, Lachmann afirma:

...an institution is a network of constantly renewable meaningful relations between persons and groups of persons who may not all ascribe the same meaning to the same set of relations. The task of the student of institutions is to distil such meanings from his observations and to interpret them to his audience (LACHMANN, 1991a, p. 137).

Em outras palavras, é necessário ter em conta as diferentes interpretações que os agentes dão às instituições. O problema das instituições, para os "economistas neoclássicos"³⁹, não é tanto a falta de reconhecimento deles para essa questão, mas a forma como eles tratam as instituições, como "fenômenos naturais", ou seja, que devem ser vistos como um dado exógeno. Em contraste, para Lachmann (1991a, p. 138), as instituições pertencem ao fenômeno cultural, uma vez que o significado delas, para os indivíduos, varia de acordo com os grupos culturais a que pertencem. De fato,

³⁹ Lachmann (1991a, p. 137) cita Hahn: "Everyone agrees that the modeling of institutions by neoclassical economics is too sparse", e comenta que a interpretação do que são instituições por esta grande corrente de pensamento é inadequada.

"o modo de orientação" dos indivíduos que participam nessas instituições *"is an element of culture, a web of thought — open to interpretation but not measurable"* (LACHMANN, 1991a, p. 138). Neste sentido, Lachmann diz que é necessário considerar a análise das instituições como sendo uma intersecção entre a economia e a sociologia, requerendo a cooperação dessas duas disciplinas. Ele quer resgatar a contribuição de Menger, que fez a distinção entre as instituições orgânicas e pragmáticas, a primeira sendo fruto de processos sociais espontâneos e a segunda sendo produto da "vontade social" (1991a, p. 138). Lachmann defende, então, um "retorno às raízes do pensamento austríaco". Mais ainda: ele quer estabelecer uma ligação entre o pensamento de Menger e análise de Alfred Schütz.

Lachmann defende, contra os economistas que reivindicam a herança de Mises, que o apriorismo compartilha da mesma ideia sobre o papel central da interpretação na análise dos fenômenos econômicos. Ele cita como possíveis aliados da "hermenêutica austríaca": Shackle, Knight, Keynes e Hicks. Citando trechos desses autores, ele qualifica que todos apresentam uma "visão hermenêutica". No caso de Keynes, ele acha mais difícil fazer essa ligação, pois considera que Keynes foi um pensador de estilo diferente, "um pragmático que teve pouco interesse na metodologia das ciências sociais" (1991a, p. 141). Mas, após analisar dois trechos de escritos de Keynes (1991a, p. 141-142), prontifica: "Essas passagens assinalam Keynes como um subjetivista e um expoente do estilo hermenêutico de pensamento".

Ele pretende desenvolver uma nova disciplina, ele fala em "sociologia econômica", poderia ser também "hermenêutica econômica", que complementar a teoria neoclássica.

Where is such a common level to be found today? As long as economic theory is conducted at a level of abstraction on which meaningful utterances are made to lose their meaning, action appears to flow from (innate?) dispositions, and cultural phenomena are made up to look as though they were phenomena of nature, there can be little hope for bringing institutions into economics. What we need is the descent to a lower level of abstraction on which hermeneutical effort is possible and worthwhile. Economic sociology as a mere supplement to neoclassical theory will not do today (LACHMANN, 1991a, p. 139).

O objetivo desta nova disciplina seria a implementação de uma "visão histórica, selecionando as partes apropriadas destas tradições"; austríacos e não-austríacos estariam envolvidos no desenvolvimento da hermenêutica como uma disciplina (1991,

p. 143). A “sociologia econômica” teria como objetivo destacar não apenas o papel das instituições, mas os papéis históricos e particulares dos fenômenos econômicos. Isso envolveria a cooperação de outras ciências sociais, para melhor compreender os fenômenos econômicos, ou seja, dar a estes fenômenos seu aspecto social.

The ‘market process’ is an item high on the agenda of the Austrian research programme. The market, needless to say, offers a particularly fascinating example of an area of intersubjectivity in which vast numbers of men interact with one another in the pursuit of their multifarious needs and interests. It calls for treatment by a method inspired by the hermeneutical style, a method which defies the spirit of orthodox formalism. As regards price formation (for example, a prominent feature of the market process), the different meanings assigned to it by different groups of participants (in particular, price setters and price takers) call for our attention. The realm of economics cannot forever remain closed to the rays of hermeneutical enlightenment (LACHMANN, 1991a, p. 143).

CONCLUSÃO

Por negar a existência de um equilíbrio ou mesmo uma tendência ao equilíbrio, Lachmann tem sido muitas vezes considerado um “radical perigoso”, para a abordagem dominante⁴⁰, entre os austríacos modernos. O fato de ele considerar que não se pode determinar qual será o resultado obtido pelos processos de mercado gerou críticas – seus críticos o acusaram de niilista. A sua ênfase em afirmar que uma tendência ao equilíbrio não era possível, fez com que alguns críticos rememorassem as origens da Escola Austríaca, envolta no *methodenstreit*, no qual os austríacos sustentaram a validade das generalizações dos sistemas teóricos, como prática adequada para a Economia. O caminho proposto por Lachmann, parecia levar a uma rejeição do poder explicativo da teoria econômica, seria quase uma postura historicista.

It would be a bizarre irony indeed if the modern revival of the Austrian tradition, begun over a century ago as a brave defense of economic theory (against a dominant tide of historicism), were to find its most sophisticated expression in the denial of any possibility for systematical market forces susceptible to general analysis (KIRZNER, 1994 *apud* BARBIERI, 2001, p. 118).

No entanto, como buscamos mostrar, uma leitura mais atenta descarta essa visão relativista de Lachmann. Por exemplo, na sua teoria das instituições, ele defende que “as instituições fornecem os pontos de orientação” para os agentes do processo de mercado, o que permite imaginar qual será o rumo tomado por eles (1971, p. 49). Ele defende também que duas instituições devem ser imutáveis para o bom funcionamento das economias de mercado: a propriedade privada e a liberdade de contrato (1971, p. 90).

De certa forma, a abordagem de Lachmann nos traz mais perguntas do que respostas. Ela abre novos caminhos para a análise da atividade empresarial,

⁴⁰ A abordagem principal poderia ser representada pelos trabalhos do triunvirato Mises-Hayek-Kirzner, no qual prevalece os estudos sobre as forças equilibrantes, no processo de mercado (processo de descoberta) através da atividade empresarial (*alertness*), dentro de um processo mais geral de aprendizado evolutivo (variação-seleção), do qual emergem regras para uma ordem social (ordens espontâneas). Cabe citar também a tese do “meio-termo” austríaco, bastante em voga, que foi proposta por Garrison (1982), e defende o meio-termo entre “equilíbrio sempre” e “equilíbrio nunca”, ver Garrison (1986; 1987), e Barbieri (2001), que defende o meio-termo austríaco, enfatizando os aspectos complementares das visões de Kirzner e Lachmann.

conferindo maior peso à interdisciplinaridade, o que Lachmann alega estar recuperando dos trabalhos originais de Menger. Ela permite que a análise do processo de mercado e da atividade empresarial sejam complementadas por contribuições da sociologia e da história. Isso se faz necessário, pois, como Lachmann observa, a atividade empresarial não trata apenas de relações comerciais, mas também inclui aspectos não comerciais e estes aspectos são importantes para que a própria teoria econômica possa compreender e preencher as suas lacunas explicativas subjacentes.

O fato de destacar a interpretação (hermenêutica) como um elemento essencial, permite colocar em perspectiva a própria atividade empresarial e restaurar seu lugar na esfera institucional. A identificação de funções econômicas específicas, dentro das empresas, com base na sua teoria do capital, permite também, por outro lado, fazer alguns avanços explicativos na própria teoria da firma. O mesmo ocorre com sua teoria do processo de mercado, na qual nos é apresentada uma análise integrada entre as relações da teoria do capital, das instituições, do empreendedor e do conhecimento. A aplicação desses conceitos é variada: pode tanto enfocar mudança institucionais, como por exemplo, fizeram Dulbecco e Renard (2003), ao analisarem as mudanças institucionais observadas nas reformas de abertura econômica na China, abordando o dilema lachmaniano da “permanência x flexibilidade” das instituições; ou, usando a teoria do capital aliada à teoria do processo de mercado, para explicar o desenvolvimento estratégico de empresas, como fizeram Chiles *et al.* (2010a), em relação à CareerBuilder, um empresa líder do setor de recrutamento e busca de empregos, nos EUA. O mesmo poderia ser feito para analisar a realocação de capital observada, por exemplo, na IBM ou no Uber, onde o empreendedor-inovador combinou capitais já existentes para criar um novo serviço.

Assim, torna-se claro que Lachmann nos oferece um campo aberto, um ferramental analítico para a melhor compreensão dos fenômenos econômicos e sociais.

REFERÊNCIAS

AIMAR, Thierry. **Time, coordination and ignorance**: a comparison between Hayek and Lachmann. *History of Economic Ideas*. Vol. 7, No. 1/2, p. 139-165, 1999.

BARBER, Michael, "**Alfred Schutz**", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2014 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/schutz/>

BARBIERI, F. **O Processo de Mercado na Escola Austríaca Moderna**, Departamento de Economia, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2001.

BARBIERI, F. **História do Debate do Cálculo Econômico Socialista**. Departamento de Economia, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 2004.

BARBIERI, F. **O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria de Processo de Mercado**. ANPEC, Anais do XXXVI Encontro Nacional de Economia, 2008.

BARBIERI, F. **A Economia do Intervencionismo**, IMB, São Paulo, 2013.

BARBIERI, F.; FEIJÓ, R. **Metodologia Do Pensamento Econômico: O Modo de Fazer Ciência dos Economistas**. Atlas, São Paulo, 2014a.

BARBIERI, F. **Hayek e o Novo Socialismo de Mercado**: problema de informação ou conhecimento?. *Análise Econômica* (UFRGS), v. 32, p. 289-307, 2014b.

BLAUG, Mark. **Competition as an End-State and Competition as a Process**. In: Blaug, Mark. *Not Only an Economist: Recent Essays*. Cheltenham: Edward Elgar, p. 66-86, 1997a.

BLAUG, Mark. **General Equilibrium and Welfare Economics**. In: *Economic Theory in Retrospect*. Cambridge: Cambridge University Press, 5th ed. 1997b.

BLAUG, Mark. **No History of Ideas, Please, We're Economists**. *Journal of Economic Perspectives*, 15(1): 145-164, 2001.

BLAUG, Mark. **The Formalist Revolution of the 1950s**. *Journal of the History of Economic Thought*. Vol. 25:02, p. 145-156, 2003.

BOEHM, Stephan, KIRZNER Israel, KOPPL, Roger, LAVOIE, Don, LEWIN, Peter, TORR, Christopher, and MOSS, Laurence. **Remembrance and appreciation roundtable — Professor Ludwig M. Lachmann (1906–1990)**: Scholar, teacher, and Austrian school critic of late classical formalism in economics. *American Journal of Economics and Sociology* 59: 367–417, 2000.

BOHM-BAWERK, E. V. **The historical vs. the deductive method in political economy**. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, I (October). P. 244-271, 1890.

BOETTKE, Peter J. **The Elgar Companion of Austrian Economics**. Cheltenham: Edward Elgar, 1994.

BOETTKE, Peter J., **Why are There No Austrian Socialists? Ideology, Science and the Austrian School**. *Journal of the History of Economic Thought*, Vol. 17, p. 35-56, Spring 1995.

BOETTKE, Peter J., **What is Wrong with Neoclassical Economics** (and What is Still Wrong with Austrian Economics). *BEYOND NEOCLASSICAL ECONOMICS*, Fred Foldvary, ed., Edward Elgar Publishing, 1996.

BOETTKE, Peter J., **Where Did Economics Go Wrong? Modern Economics as a Flight from Reality**. *Critical Review*, Vol. 11, No. 1, p. 11-64, Winter, 1997.

BOETTKE, Peter J.; PRYCHITKO, David L. **Introduction: Varieties of Market Process Theory**. In: *Market Process Theories*, vol. 1, Edward Elgar Publishing, 1998.

BOETTKE, Peter J.; LEESON, P. **The Austrian School of Economics: 1950–2000**. In: BIDDLE, J.; SAMUELS, W. *The Blackwell Companion to the History of Economic Thought*. London: Blackwell, 2003.

BOETTKE, Peter J. **Austrian School of Economics**. In: *The Concise Encyclopedia of Economics*, 2008. Disponível em: <http://www.econlib.org/library/Enc/AustrianSchoolofEconomics.html>

BOETTKE, Peter J.; O'Donnell, Kyle W. **The Failed Appropriation of F. A. Hayek by Formalist Economics**. *Critical Review*. Vol. 25: 3-4, 2013.

BOULDING, Kenneth E. **After Samuelson Who Needs Adam Smith?** *History of Political Economy*, 3:2, p. 225-37, 1971.

BUTOS, William and KOPPL, Roger. **The Varieties of Subjectivism: Keynes and Hayek on Expectations**. *History of Political Economy* 29(2), p. 327-359, 1997.

CALDWELL, B. J. **Hayek's transformation**, *History of Political Economy*, 20(4): 513-541, 1988.

CALDWELL, B. J. **The Progress of Subjectivism**: A Comment on Lavoie. In: Mark Blaug and Neil de Marchi, eds. *Appraising Modern Economics: Studies in the Methodology of Scientific Research Programmes*. Gloucestershire, England: Edward Elgar, p. 487-91, 1991b.

CALDWELL, B. J. **Hayek's Challenge**: An Intellectual Biography of F. A. Hayek, Chicago, The University of Chicago Press, 2004.

CALDWELL, B. J. **Remembering Mark Blaug**. CHOPE Working Paper No. 2012-06, 2012.

CARVALHO, F. J. C. **On the concept of time in Shackle and Sraffian economics**. *Journal of Post Keynesian Economics*, v. 6, n. 2, Winter, 1983-84.

CHILES, T. H.; A. C. BLUEDORN, and P. GUPTA. **Beyond Creative Destruction and Entrepreneurial Discovery**: A Radical Austrian Approach to Entrepreneurship, *Organization Studies*, 28(4): 467–493, 2007.

CHILES T. H.; TUGGLE, Christopher S.; MCMULLEN, Jeffery S.; BIERMAN, Leonard and GREENING, Daniel W. **Dynamic Creation: Extending the Radical Austrian Approach to Entrepreneurship**. *Organization Studies* 31:7, 2010a.

CHILES, Todd H.; VULTEE, Denise M.; GUPTA, Vishal K.; GREENING, Daniel W.; and TUGGLE, Chris S., **The Philosophical Foundations of a Radical Austrian Approach to Entrepreneurship**. *Journal of Management Inquiry*, 19:2, p. 138–164, 2010b.

COASE, R.H. **The Wealth of Nations**. In: *Essays on economics and economists*, COASE, R.H. University of Chicago Press, p. 75-94, 1994.

CODDINGTON, Alan. **Keynesian Economics**: The Search for First Principles. *Journal of Economic Literature*, Vol. 14, No. 4, p. 1258-1273, 1976.

COWAN, Robin. **Causation and Genetic Causation in Economic Theory**, In: Peter J. Boettke, ed., *The Elgar Companion to Austrian Economics* Aldershot: Edward Elgar, p. 63-71, 1994.

DAVIDSON, Paul. **Solving the Crisis in Economic Theory**. In: *International Money and the Real World*, p. 1-25, 1992.

DOLAN, Edwin G. **The Foundations of Modern Austrian Economics**, Sheed and Ward, Kansas City, 1976.

DULBECCO, Philippe and RENARD, Marie-Françoise. **Permanency and Flexibility of Institutions**: The Role of Decentralization in Chinese Economic Reforms. *The Review of Austrian Economics*, 16:4, p. 327–346, 2003.

ENDRES, Anthony M. and HARPER, David A. **‘Wresting meaning from the market’: a reassessment of Ludwig Lachmann's entrepreneur**. Journal of Institutional Economics, 9, p. 303-328, 2013.

FEIJÓ, R. **Repensando a revolução marginalista**: uma síntese da recente crítica historiográfica às interpretações do período. Análise Econômica, UFRGS, n. 30, 1998.

FEIJÓ, R. **A Epistemologia da Escola Austríaca em Menger, Mises e Hayek**. Departamento de Economia, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 1999.

FONSECA, E. G. **Liberalismo e a entropia da informação**. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de abril, 1994.

FONSECA, E. G. **Reflexões sobre a historiografia do pensamento econômico**. Estudos Econômicos. V. 26:2, p. 235-259, 1996.

FOSS, N. J. **Types of price theory**. Rivista internazionale di scienze sociali. Vol. 103: 2, p. 253-276, 1996.

FOSS, N. J. and G. Garzarelli, **Institutions as Knowledge Capital: Ludwig M. Lachmann's Interpretative Institutionalism**, Cambridge Journal of Economics, 31(5), p. 789–804, 2007.

FOSS, N.J., KLEIN, and Peter G. **Entrepreneurial Alertness and Opportunity Discovery**: Origins, Attributes, Critique. In: The Historical Foundations of Entrepreneurship Research, Hans Landström and Franz Lohrke, eds. Aldershot, U.K.: Edward Elgar, 2010.

GARRISON, R. **Austrian Economics as the middle ground**: comment on Loasby. In: KIRZNER, I. Method, Process and Austrian Economics. Lexington: D.C. Heath, 1982.

GARRISON, R. **From Lachmann to Lucas**: on Institutions, Expectations and Equilibrating Tendencies, in: Israel M. Kirzner, ed., Subjectivism, Intelligibility and Economic Understanding: Essays in Honor of Ludwig M. Lachmann on his Eightieth Birthday, New York: New York University Press; London: Macmillan and Co., 1986. Disponível em: <http://www.auburn.edu/~garrir/j6lachlucas.htm>

GARRISON, R. W. **The Kaleidic World of Ludwig Lachmann** (review article of The Market as an Economic Process), Critical Review 1.3, p. 77–89, 1987.

GLORIA-PALERMO, S. **The extension of subjectivism to expectations: Lachmann's line of thought**. In: The Evolution of Austrian Economics: From Menger to Lachmann, Routledge, Londres, 1999a.

GLORIA-PALERMO, S. **An Austrian Dilemma: Necessity and Impossibility of a Theory of Institutions.** The Review of Austrian Economics. Volume 11, Issue 1, p. 31-45, 1999b.

GLORIA-PALERMO, S. **Discovery versus creation:** implications of the Austrian view of the market process. In: A Modern Reader in Institutional and Evolutionary Economics, Geoffrey M. Hodgson, 2002.

GRAY, John N. **The Revival of Interest in Hayek** - A Unified Research Program in Hayek's Writings? In: F. A. Hayek and the Rebirth of Classical Liberalism. Literature of Liberty. vol. v, no. 4, p. 19-101. Arlington, VA: Institute for Humane Studies, 1982. Disponível em: <http://www.econlib.org/library/Essays/LtrLbrty/grvHRC1.html>

GRINDER, Walter E. **In Pursuit of the Subjective Paradigm.** In: LACHMANN, Ludwig M., Capital, Expectations, and the Market Process: Essays on the Theory of the Market Economy, Sheed Andrews and McMeel, Kansas City, 1977.

HAYEK, F.A. **Economics and Knowledge.** Economica, 4, p. 33–54, 1937.

HAYEK, F.A. **The Use of Knowledge in Society,** American Economic Review, 35-4, p. 519-530, 1945.

HAYEK, F.A. **Individualism and Economic Order.** Chicago: Chicago University Press, 1948.

HAYEK, F.A. **Degrees of Explanation.** In: Hayek, Studies in Philosophy, Politics and Economics. London: Routledge, p. 3-21, 1967.

HAYEK, F.A. **The Theory of Complex Phenomena.** In: Hayek, Studies in Philosophy, Politics and Economics. London: Routledge, p. 22-42, 1967.

HAYEK, F.A., **The Pretence of Knowledge,** Nobel Lectures, 1974. Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economic-sciences/laureates/1974/hayek-lecture.html

HAYEK, F. A. **Competition as a Discovery Procedure.** In: HAYEK, F. A. New Studies in Philosophy, Politics, Economics and the History of Ideas. London: Routledge & Kegan Paul. p. 179-90, 1978.

HAYEK, F.A. **Direito, Legislação e Liberdade,** Vol. 3. Ed. Visão, São Paulo, 1985.

JAFFÉ, W. **Menger, Jevons and Walras de-homogenized.** Economic Inquiry, 14:4, 1976.

KALDOR, N., **Speculation and Economic Stability**. The Review of Economic Studies, Vol. 7, No. 1, p. 1-27, 1939.

KAUDER, Emil. **Austro-Marxism vs. Austro-Marginalism**. History of Political Economy, 2(2): 398-418, 1970.

KEYNES, J. M., **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1996

KING, J. E. "**Post Keynesian economics**". The New Palgrave Dictionary of Economics. Second Edition. Eds. Steven N. Durlauf and Lawrence E. Blume. Palgrave Macmillan, 2008.

KING, J. E. **Una Historia de la economía poskeynesiana desde 1936**. Madrid, Akal, 2009.

KIRZNER, Israel M. **On the Method of Austrian Economics** em DOLAN, Edwin G. The Foundations of Modern Austrian Economics, Sheed and Ward, Kansas City, 1976.

KIRZNER, Israel M. **The Meaning of Market Process**. Routledge, London, 1992.

KIRZNER, Israel M. **The Subjectivism Of Austrian Economics**. In: MEIJER, G. New Perspectives on Austrian Economics. London: Routledge, p. 11-24, 1995.

KIRZNER, Israel M. **Entrepreneurial Discovery and the Competitive Market Process: An Austrian Approach**, Journal of Economic Literature, 35(1), p. 60–85, 1997.

KIRZNER, Israel M. **Competição e Atividade Empresarial**. IMB, São Paulo, 2012.

KREGEL, J. A. **Book Review: The Market as an Economic Process** by Ludwig Lachmann. Journal of Economic Literature, Vol. 26, No. 1, pp. 96-97, 1988.

KURRILD-KLITGAARD, P. **The Viennese Connection**: Alfred Schütz and the Austrian school. The Quarterly Journal of Austrian Economics. Vol. 6(2), p. 35-66, 2003.

LACHMANN, Ludwig M. **Capital and Its Structure**. Sheed, Andrews and McMeel, Kansas City, 1956.

LACHMANN L. **Professor Shackle on the economic significance of time**, Metroeconomica, 11, 64-73, 1959.

LACHMANN, L. **The Legacy of Max Weber**. Berkeley: The Glendessary Press. 1971.

LACHMANN, L. **Macro-economic Thinking and the Market Economy**. Londres: IEA, Hobart Paper no. 56, 1973.

LACHMANN, Ludwig M. **On the Central Concept of Austrian Economics**. em DOLAN, Edwin G. *The Foundations of Modern Austrian Economics*, Sheed and Ward, Kansas City, 1976a.

LACHMANN, Ludwig M. **Austrian Economics in the Age of the Neo-Ricardian Counterrevolution**. em DOLAN, Edwin G. *The Foundations of Modern Austrian Economics*, Sheed and Ward, Kansas City, 1976b.

LACHMANN, L. **Capital, Expectations and the Market Process**: Essays on the Theory of the Market Theory. Kansas: Sheed Andrews and McMeel, 1977.

LACHMANN, L. **An Austrian stocktaking**: Unsettled questions and tentative answers. In L. M. SPADARO, 1978.

LACHMANN, L.M. **The Market as an Economic Process**. Basil Blackwell, Nova York, 1986.

LACHMANN L. **G.L.S. Shackle's place in the history of subjectivist thought**. In: Frowen S.F. *Unknowledge and choice in economics: Proceedings of a conference in honour of G. L. S. Shackle*, New York: St. Martin's Press; p. 1-8, 1990.

LACHMANN L. **Austrian Economics – A hermeneutic approach**. In: Don Lavoie, *Economics and Hermeneutics*, Routledge, London, p. 134-46, 1991a.

LACHMANN, L. **Expectations and the Meaning of Institutions**. Routledge, London, 1994.

LANGLOIS, Richard N. **Coherence and Flexibility**: Social Institutions in a World of Radical Uncertainty. In: Israel Kirzner, ed., *Subjectivism, Intelligibility, and Economic Understanding: Essays in Honor of the Eightieth Birthday of Ludwig Lachmann*. New York: New York University Press, p. 171-191, 1986.

LAVOIE, D. **A Critique of the Standard Account of the Socialist Calculation Debate**. *Journal of Libertarian Studies*, Vol. 5, No.1, 1981.

LAVOIE, D. **Euclideanism Versus Hermeneutics**: A Re-interpretation of Misesian Apriorism. In: Kirzner, ed. *Subjectivism, Intelligibility, and Economic Understanding: Essays in Honor of Ludwig M. Lachmann on his Eightieth Birthday*. New York: New York University Press, 1986.

LAVOIE, D. **Economics and Hermeneutics**, Routledge, London, 1991a.

LAVOIE, D. **The Progress of Subjectivism**. In: Mark Blaug and Neil de Marchi, eds. *Appraising Modern Economics: Studies in the Methodology of Scientific Research Programmes*. Gloucestershire, England: Edward Elgar, p. 470-86, 1991b.

LAVOIE, D. **Introduction: Expectations and the Meaning of Institutions**. In: Lachmann, 1994.

LEWIN, Peter. **Lewin on My Teacher and His Legacy**. In: BOEHM, Stephan *et al*, 2000.

LEWIN, Peter. **Entrepreneurial Paradoxes**: implications of radical subjectivism. NYU Colloquium on Austrian economics, November, 2011.

LEWIN, Peter. **The Austrian School of Economics and the Implications of Subjectivism**. Conference on Austrian Thought at the Turn of the Twentieth Century, University of Texas at Arlington, November, 2012.

LEWIN, Peter. **Hayek and Lachmann**. In: Elgar Companion to Hayekian Economics, Norman Barry and Roger Garrison ed., Edward Elgar, 2014.

LEWIS, Paul and RUNDE, Jochen. **Subjectivism, social structure and the possibility of socio-economic order**: The case of Ludwig Lachmann. *Journal of Economic Behavior & Organization*, Elsevier, vol. 62(2), p. 167-186, 2007.

LEWIS, Paul. **Far from a Nihilistic Crowd**: The Theoretical Contribution of Radical Subjectivist Austrian Economics. *Review of Austrian Economics*, V.24, p. 185-98, 2011.

MACHOVEC, F. M. **Statement of the Problem**. In: *Perfect Competition and the Transformation of Economics*. Routledge, 1995.

MACHLUP, Fritz. **Semántica Económica**. México, Siglo Ventuno, 1974.

MACHLUP, Fritz. **What Is Meant by Methodology**: A Selective Survey of The Literature. In: *Methodology of Economics and Other Social Sciences*, Fritz Machlup, Academic Press, New York, p. 5-62, 1978.

MARTIN, Adam. **The Use of Knowledge in Comparative Economics**. Department of Economics, George Mason University, Tese de Doutorado, 2009.

MAYER, Hans. **El valor cognitivo de las teorías funcionales del precio**: investigaciones críticas y positivas referidas al problema del precio. *Procesos de Mercado: Revista Europea de Economía Política*, vol. I, nº 2, p. 141-261, Otoño 2004[1932].

MCCLOSKEY, Deirdre N. **A Kirznerian Economic History of the Modern World**. Emily Chamlee-Wright, ed. Annual Proceedings of the Wealth and Well-Being of Nations 3, p. 45-64, 2010-2011.

MCNULTY, Paul J. **A note in the history of perfect competition**. The Journal of Political Economy, Vol. 75:4, p. 395-399, 1967.

MCNULTY, Paul J. **"competition, Austrian."** The New Palgrave Dictionary of Economics. Second Edition. Eds. Steven N. Durlauf and Lawrence E. Blume. Palgrave Macmillan, 2008.

MENGER, Carl. **Princípios de Economia Política**. Coleção Os Economistas, Nova Cultural, 1988.

MISES, L. von. **The Historical Setting of the Austrian School of Economics**. Mises Institute, Auburn, 1984.

MISES, L. von. **Austrian School of Economics**. In: GREAVES, B. Austrian Economics: An Anthology, FEE, New York, p. 77-84, 1996.

MISES, L. von. **Ação Humana: um tratado de economia**. IMB, São Paulo, 2010.

MISES, L. von. **O Cálculo Econômico sob o Socialismo**. IMB, São Paulo, 2012.

MITTERMAIER, K.H. **Ludwig Lachmann (1906-1990): A Biographical Sketch**. South African Journal of Economics, Vol. 60:1, 1992.

O'DRISCOLL, G., and RIZZO, M. **The Economics of Time and Ignorance**. New York and Oxford: Routledge, 1996.

PRYCHITKO, David L. **Ludwig Lachmann and the farther reaches of Austrian economics**, Critical Review: A Journal of Politics and Society, 1:3, 63-76, 1987.

RIZZO, Mario J. **"Austrian economics: recent work"**. The New Palgrave Dictionary of Economics. Online Edition. Eds. Steven N. Durlauf and Lawrence E. Blume. Palgrave Macmillan, 2009.

ROBINS, Lionel. **Um Ensaio Sobre a Natureza e a Importância da Ciência Econômica**. Ed. Saraiva, São Paulo, 2012.

SCHUMPETER, Joseph. **The Nature and Essence of Economic Theory**, edited by Bruce A. McDaniel New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 2010 [1908].

SELGIN, G. **Praxeology and Understanding**. Auburn, Ludwig von Mises Institute, 1990.

SHACKLE G.L.S. **Decisión, orden y tiempo**, Tecnos, Madrid, 1966.

SHACKLE, G.L.S. **Epistémica y Economía**: crítica de las doctrinas económicas, Fondo de Cultura Económica, México, 1976.

SHACKLE, G. L. S. **Imagination, Formalism and Choice**. In: Rizzo, M. (Ed.) *Time, Uncertainty and Disequilibrium*. Lexington, MA: D. C. Heath, 1979.

SPADARO, Louis M. **New Directions in Austrian Economics**, Sheed Andrews and McMeel, Kansas City, 1978.

STRACHMAN, Eduardo. **Instituições: Uma Caracterização Crítica**. Economia, ANPEC, v. 3, n. 1, p. 113-157, jan./jun, 2002.

TIEBEN, B. **What is equilibrium?** In: *The Concept of Equilibrium in Different Economic Traditions: An Historical Investigation*. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2012.

VAUGHN, Karen. **The problem of order in Austrian economics**: Kirzner vs. Lachmann. *Review of Political Economy*, 4.3, p. 251-274, 1992.

VAUGHN, Karen. **Austrian Economics in America**: The Migration of a Tradition. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

VAUGHN, Karen. **Hayek's Implicit Economics: Rules and the Problem of Order**. *Review of Austrian Economics*, 11, p. 129-144, 1999.